

ED. 271. ANO 24
OUTUBRO . 2020



Linha Direta

na gestão educacional

EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Unesco e Instituto Êxito de Empreendedorismo celebram acordo de cooperação para levar conhecimento sobre educação empreendedora a estudantes do Ensino Básico

Organización
dos Estados
Ibero-americanos
Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura



Organización
de Estados
Iberoamericanos
Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

êxito
INSTITUTO DE EMPREENDEDORISMO

CBESP Preview

Evento digital trouxe amostra do XIII Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular

GESTÃO

Estratégias para prevenir e gerir a inadimplência educacional em tempos de crise

REFLEXÃO

A escola não tem margem e não pode errar na sua precificação para 2021

VOCÊ CONHECE O MODELO DE COMPRA DE CARTEIRAS DO PRAVALER?

Ele assume todas as frentes de financiamento próprio da sua Instituição, auxiliando na saúde financeira e e você foca no seu principal negócio: a educação.

PRINCIPAIS BENEFÍCIOS:

- ANTECIPAÇÃO DE RECEBÍVEIS;
- RISCO DE INADIMPLÊNCIA ZERO;
- PRAVALER ASSUME 100% DA OPERAÇÃO FINANCEIRA DA CARTEIRA.

ENTRE EM CONTATO COM A GENTE!
comercial@praval.com.br

Editorial

- 4 O poder da educação //
The power of education //
El poder de la educación

Espaço CBESP

- 6 CBESP Preview: empreendedorismo
e modelos inovadores

Espaço Bett

- 8 Novos tempos. Novo professor? //
New times. New teacher?

Empreenda com Êxito

- 12 Summit Êxito de Empreendedorismo
promove imersão no universo do
empreendedorismo e nas perspectivas do
mundo pós-pandemia



Ibero-América em Ação // Iberoamérica en Acción

- 22 Cooperação como estratégia de
implementação do Novo Ensino Médio //
Cooperación como estrategia de
implementación de la Nueva Enseñanza Media

Conhecimento



- 26 Inteligência de escola *versus*
inteligência de rua

Inovação & Tecnologia

- 30 Fluência digital: como integrar a tecnologia
à prática do professor?
- 34 Era uma vez uma transformação digital

Gestão Educacional

- 36 2020: a tragédia dos políticos que
as gerações não esquecerão

Textura Jurídica

- 38 Lei n. 14.040 de 2020 – E o fim do
estado de calamidade pública

Educação no Mundo

- 42 Educação Superior pelo prisma da OCDE
e a realidade do Brasil

Educação em Diálogo

- 48 Em tempos de crise, estratégias para
prevenir e gerir a inadimplência educacional
- 50 Do passado ao futuro, o preço da escola
para 2021
- 52 Sinepe/ES realiza segunda edição do
Congresso Educacional Digital
- 53 Reabertura das escolas: complexa e
dispendiosa, mas necessária

Educação Cidadã

- 56 Reconhecimento do papel docente

O PODER DA EDUCAÇÃO

A educação é uma ferramenta poderosa, capaz de transformar completamente a vida de uma pessoa. Um ensino de qualidade perpassa a formação integral do ser, preparando-o para as novas demandas de um mundo que se transforma constantemente. Sob esse aspecto, a educação empreendedora ganha relevância, e não só para aqueles que desejam abrir um negócio; afinal, por meio dela é possível aprender competências e habilidades que permanecerão ao longo da vida, tais como a capacidade de enfrentar desafios, de resolver situações-problema, de se adaptar a novas situações, de desenvolver a resiliência e a automotivação, de se tornar o protagonista de sua história. Cientes da importância da educação empreendedora, o Instituto Êxito de Empreendedorismo e a Unesco firmaram recentemente um acordo de cooperação técnica e financeira para proporcionar, por meio de um projeto, uma capacitação em empreendedorismo para estudantes do Ensino Básico de escolas públicas. Os detalhes dessa parceria, que pretende atender inicialmente a 10 mil jovens, você confere na matéria de capa desta edição da *Linha Direta*. Importante destacar também que, em outubro, comemoramos, no dia 5, o Dia Mundial do Professor e, no dia 15, o Dia Nacional do Professor. Todos sabemos que o papel dos docentes é fundamental para o desenvolvimento de um país, e isso ficou ainda mais evidente neste ano, durante a grave crise provocada pela Covid-19 no Brasil e no mundo, ocasionando o maior fechamento de escolas da história mundial. Acompanhamos dia a dia as histórias de superação, persistência, esperança de homens e mulheres que encontraram forças em meio a tantas dificuldades para continuar levando a aprendizagem e o sonho de um futuro melhor a tantos brasileiros. A cada professor, a nossa gratidão.



Linha Direta
INOVAÇÃO • EDUCAÇÃO • GESTÃO

Linha Direta
Revista na gestão educacional

A revista *Linha Direta* (ISSN 2176-4417) é uma publicação mensal da Linha Direta Ltda.

R. Cristiano Moreira Sales, 296 – Millennial – Sala 402
Estoril – Belo Horizonte/MG – CEP: 30494-360 – Tel.: (31) 2535-3911
atendimento@linhadireta.com.br – www.linhadireta.com.br

EDIÇÃO 271 | ANO 24 | OUTUBRO | 2020

Presidente

Marcelo Chucre da Costa

Diretora-Executiva

Laila Aninger

Editores

Karolina Machado

Lucas Fonseca

Editor de Arte

Rafael Rosa

Revisora/Preparadora de Texto

Cibele Silva

Tradutor de Espanhol

Messias Lacerda

Tradutora de Inglês

Myla Fonseca

Consultor em Gestão Estratégica e Responsabilidade Social

Marcelo Freitas

Consultora em Inovação Educacional

Maria Carmen T. Christóvão

Conselho Editorial

Alex Alves Bastos, Karolina Machado,

Laila Aninger, Liette de Oliveira Marques,

Lucas Fonseca, Patrica RC de Abreu

Conselho Consultivo

Ademar Pereira, Adriana Rigon Weska, Aírton de Almeida Oliveira, Altamiro Galindo, Álvaro Moreira Domingues Júnior, Amáble Pacios, Anna Lydia Collares dos Reis Favieri Ferreira, Antônio Eugênio Cunha, Antônio Lúcio dos Santos, Átila Rodrigues, Benjamin Ribeiro da Silva, Bruno Eizerik, Cláudia Regina de Souza Costa, Dalton Luís de Moraes Leal, Esther Cristina Pereira, Fátima Turano, Gabriel Mario Rodrigues, Gelson Menegatti Filho, Hermes Ferreira Figueiredo, Ivo Calado, Jorge de Jesus Bernardo, José Carlos Barbieri, Jose Carlos da Silva Portugal, José Carlos Rassier, José Janguê Bezerra Diniz, Krishnaaor Ávila Stréglío, Manoel Alves, Marco Antônio de Souza, Marcos Antônio Simi, Maria Augusta Oliveira Senna, Maria da Glória Paim Barcellos, Maria Nilene Badeca da Costa, Miguel Luiz Detsi Neto, Odésio de Souza Medeiros, Paulo Antonio Gomes Cardim, Paulo Sérgio Machado Ribeiro, Raphael Callou, Suely Melo de Castro Menezes, Zuleica Reis Ávila

Tiragem: 5.000 exemplares
Pré-Impressão e Impressão



Tel.: (31) 3303-9999

As ideias expressas nos artigos ou matérias assinados são de responsabilidade dos autores e não representam, necessariamente, a opinião da revista. Os artigos são colaborativos e podem ser reproduzidos, desde que a fonte seja citada.

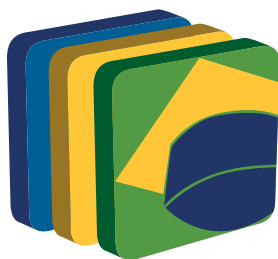
Assine esta publicação: (31) 2535-3911

THE POWER OF EDUCATION

Education is a powerful tool, capable of entirely transforming a person's life. Quality education permeates the integral formation of being, preparing any person for the new demands of a world that is constantly changing. In this regard, entrepreneurial education gains relevance, and not only for those who wish to open a business; after all, it is possible to learn skills and abilities that will remain throughout life, such as the ability to face challenges, to solve problem situations, to adapt to new situations, to develop resilience and self-motivation, to become the protagonist of one's story. Aware of the importance of entrepreneurial education, Successful Institute of Entrepreneurship and Unesco recently signed a technical and financial cooperation agreement to provide, through a project, entrepreneurship training for elementary students in public schools. The details of this partnership, which initially intends to serve 10,000 young people, can be seen in the cover story of this edition of *Linha Direta*. It is also important to highlight that, in October, we celebrate World Teacher's Day on the 5th and, on the 15th, the National Teacher's Day. We all are aware of how fundamental the role of teachers is for the development of a country, and this was even more evident this year, during the serious crisis instigated by Covid-19 in Brazil and in the world, causing the greatest closure of schools in world history. We follow day by day the stories of overcoming, persistence, hope of men and women who found strength in the midst of so many difficulties to continue bringing the learning and the dream of a better future to so many Brazilians. To each teacher, our gratitude!

EL PODER DE LA EDUCACIÓN

La educación es una herramienta poderosa, capaz de transformar completamente la vida de una persona. Una enseñanza de calidad atraviesa la formación integral del ser, preparándole para las nuevas demandas de un mundo que se transforma constantemente. Bajo ese aspecto, la educación emprendedora gana relevancia, y no solo para aquellos que desean abrir un negocio; después de todo, por medio de ella es posible aprender competencias y habilidades que permanecerán a lo largo de la vida, tales como la capacidad de enfrentar desafíos, de resolver situaciones/problemas, de adaptarse a nuevas situaciones, de desarrollar la resiliencia y la automotivación, de volverse el protagonista de su historia. Conscientes de la importancia de la educación emprendedora, el Instituto Éxito de Emprendedurismo y Unesco firmaron recientemente un acuerdo de cooperación técnica y financiera para proporcionar, por medio de un proyecto, una capacitación en emprendedurismo para estudiantes de la Enseñanza Básica de escuelas públicas. Los detalles de esa sociedad, que pretende atender inicialmente a 10 mil jóvenes, los puedes ver en la materia de portada de esta edición de *Linha Direta*. Importante resaltar también que, en octubre, conmemoramos, el día 5, el Día Mundial del Profesor y, el día 15, el Día Nacional del Profesor. Todos sabemos cuán importante y fundamental es el papel de los docentes para el desarrollo de un país, y eso se puso aún más evidente en este año, durante la grave crisis provocada por la Covid-19 en Brasil y en el mundo, ocasionando el mayor encierro de escuelas de la historia mundial. Acompañamos día a día las historias de superación, persistencia, esperanza de hombres y mujeres que encontraron fuerzas en medio a tantas dificultades para continuar llevando el aprendizaje y el sueño de un futuro mejor a tantos brasileños. A cada profesor, nuestra gratitud.



CBESP **Preview**

EMPREENDEDORISMO E MODELOS INOVADORES

Evento digital proporcionou amostra dos assuntos que serão abordados no XIII Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular em 2021

O XIII Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (CBESP) precisou ser adiado para 2021 devido à crise sanitária causada pelo novo coronavírus. Mas, no último dia 8 de outubro, o público pôde ter uma amostra dos assuntos que serão debatidos no evento, que terá como tema principal *Empreendedorismo e Educação Superior: construindo modelos inovadores*.

O CBESP Preview, que aconteceu de forma online e gratuita, contou, em sua abertura, com as falas da presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), Maria Helena Guimarães de Castro; do conselheiro da Câmara de Educação Superior do CNE, Luiz Roberto Liza Curi; do ex-presidente da Câmara de Educação Superior do CNE, Antônio Freitas; e do secretário-executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular e diretor-presidente da ABMES, Celso Niskier. "Nós estamos vivendo tempos históricos. A pandemia nos trouxe enormes preocupações e tristezas, mas também desafios e potenciais alegrias porque nós, do setor de Educação Superior, estamos aproveitando esse legado para inovar, para

ter resiliência, para empreender em áreas novas", disse Niskier.

Em seguida, com a moderação da vice-presidente da Fenep, Amáble Pacios, e do vice-presidente-executivo do Semerj, Rui Otávio Bernardes de Andrade, o primeiro bate-papo trouxe o tema *Como incentivar o empreendedorismo na sua IES*. "Da forma como tratamos até então, o empreendedorismo era visto em uma ou outra disciplina, sendo talvez até uma disciplina não obrigatória dentro da nossa grade horária. Mas precisamos lembrar que o empreendedorismo não é um bloco dentro de uma grade horária: ele é um sistema, uma forma de pensar. Ele acaba abordando e realizando com o aluno praticamente todas essas *skills* de que o mercado tanto precisa. Se levamos o empreendedorismo para todas as disciplinas, em vez de tratá-lo como matéria isolada, conseguiremos trabalhar esse conteúdo em estatística, fazer o aluno se comunicar melhor, trabalhar a resiliência e diversas outras habilidades que o empreendedorismo exige que seja desenvolvido", defendeu o sócio e presidente da Faculdade Descomplica, Daniel Pedrino. Participaram também

do debate o fundador da Anhanguera Educacional e da Must University, Antônio Carbonari Netto; a vice-presidente da ABMES, Débora Guerra; e o *head* do Santander Universidades no Santander Brasil, Nicolás Vergara.

Já o segundo bate-papo abordou a importância de buscar os novos modelos de regulação no Brasil. Participaram dele o consultor em Regulação e Avaliação da Educação Superior no Brasil em Portugal, Efrem Maranhão; o reitor da Universidade São Francisco, Gilberto Garcia; e a diretora técnica da Edux Consultoria, Patrícia Vilas Boas. O bate-papo contou com a mediação da vice-presidente do Semesp, Lúcia Teixeira, e do representante da Confenen, Paulo A. Gomes Cardim.

Em seguida, o empreendedorismo na prática ganhou destaque nas falas de Celso Niskier, que é também vice-presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, de Lucas Moraes, CEO e cofundador da Edulabzz, e dos mediadores do bate-papo: o presidente da Abrafi, Edgard Larry, e o presidente da Anaceu, Arthur Sperandéo de Macedo. O fundador e atual presidente do Instituto Êxito e ex-secretário-executivo do Fórum, Janguê Diniz, que foi convidado para o debate, não pôde estar presente, mas participou por meio de um vídeo. “Eu quero começar dizendo que, diferente do que muita gente pensa, empreendedorismo não é apenas um conceito econômico, não consiste em somente abrir um CNPJ, ou seja, criar empreendimentos e empresas. Muito mais do que isso, empreendedorismo possui uma conotação social, cujo preceito ou conteúdo ético consiste em criar coisas para gerar utilidade e benefícios para o bem comum, para a coletividade e para a sociedade, em qualquer atividade e em qualquer setor. Porque empreendedorismo é atitude, é ação, é estado de espírito, é estilo de vida. Consiste em transformar pensamentos em ação e sonhos em realidade”, analisou Diniz.



Não conseguiu acompanhar o CBESP Preview no dia ou deseja rever os debates? Acesse tudo pelo QR Code

O último bate-papo do evento digital trouxe o *preview* das oficinas que serão realizadas durante o XIII CBESP. Com moderação da especialista em Educação Superior e assessora da Presidência da ABMES, Iara de Xavier, falaram sobre o assunto o especialista em Educação Superior e pró-reitor acadêmico da UniCarioca, Maximiliano Damas; o vice-presidente da Abrafi e diretor de Regulação do Grupo Ser Educacional, Paulo Chanan; a especialista em Avaliação da Educação Superior e diretora adjunta de Regulação do Grupo Ser Educacional, Francislene Hasmann; e a fundadora e CEO da *edtech* Workalove, Fernanda Verdolin.

O encerramento do CBESP Preview contou com a participação dos dirigentes do Fórum. Celso Niskier finalizou as atividades do dia. “Eu fiz essa mensagem de gratidão e fé. Reforço aqui, são esses os votos que nós fazemos. Que possamos estar juntos em situação melhor no ano que vem; e, como diz o professor Paulo Cardim, que nós possamos, como entidades, sempre discutir, divergir, nos entender e lutar por aquilo que nos une: o desenvolvimento com qualidade, responsabilidade social do nosso setor”, disse.

O Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular é um evento realizado pela Linha Direta e promovido pelo Fórum. A 13ª edição do CBESP está prevista para os dias 27, 28 e 29 de maio de 2021, em Costão do Santinho, Florianópolis/SC. ■

NOVOS TEMPOS. NOVO PROFESSOR?

Quem é o professor do futuro? Um profissional qualificado para lidar com questões emocionais e tecnológicas? Afinal, esse é o perfil que se espera de todos os profissionais do século 21? O Brasil tem mais de 2,2 milhões de professores de Educação Básica — com cerca de 340 mil em atuação, segundo censos educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) — e, embora a maioria ainda esteja longe do ideal ou necessário para enfrentar os novos desafios que surgem dessa transformação da educação durante e pós-pandemia da Covid-19, é preciso destacar a capacidade de superação demonstrada em 2020.

Para a diretora-geral do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (Ceipe) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Cláudia Costin, o que o professor precisa, neste ano, é ter orgulho da sua profissão, que considera uma das mais complexas que existem. A ex-secretária municipal de

Educação do Rio de Janeiro destacou que, não bastasse a formação inadequada e o baixo reconhecimento e valorização profissionais, o professor acaba desenvolvendo um sentimento de autopiedade, o que faz com que muitas boas práticas se tornem “invisíveis”, apesar de bem-sucedidas.

Professora de origem, a consultora educacional propõe que a categoria celebre o que está fazendo durante o isolamento social: assegurar, em condições desafiadoras, alguma aprendizagem aos estudantes brasileiros. “Por que os professores não podem ter orgulho das suas práticas em condições desafiadoras? Ocupam uma das profissões mais complexas e têm direito de celebrar o que realizam, mesmo que não sejam reconhecidos como deveriam. Ou só os médicos têm esse direito? Nós temos que desenvolver orgulho profissional por tudo o que estamos fazendo. Sem isso, dificilmente seremos reconhecidos”, disse Costin, que também é membro do Conselho Global de Educação da Bett.

NEW TIMES. NEW TEACHER?

Who is the teacher of the future? A qualified professional to deal with emotional and technological issues? After all, is this the profile that is expected of all 21st century professionals? Brazil has more than 2.2 million teachers of Basic Education – of which around 340 thousand are working today, according to educational censuses of the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira (Inep) – and, although most are still far from ideal or necessary to face the new challenges that arise from this transformation of education during and after the pandemic of Covid-19, it is necessary to highlight their resilience shown in 2020.

For the director-general of the Center for Excellence and Innovation in Educational Policies (Ceipe) of the Getulio Vargas Foundation (FGV), Cláudia Costin, what the teacher needs this year is to be proud of his/her profession, which she considers one of the most complex that exists.

The former Rio de Janeiro's Municipal Secretary of Education pointed out that, granted that inadequate training and low professional recognition and appreciation were not enough, the educator ends up developing a sense of self-pity, which causes many good practices to become "invisible", although successful indeed.

A former teacher, the educational consultant proposes that the category celebrates what it is doing during social isolation: ensuring, under challenging conditions, some real learning for Brazilian students. "Why can't teachers be proud of their practices in challenging conditions? They occupy one of the most complex professions and have the right to celebrate what they do, even if they are not recognized as they should. Or do only doctors have this right? We must have to develop professional pride in everything we're doing. Without it, we'll hardly be recognized," said Costin, who is also a member of Bett's Global Education Council.

A cofundadora e diretora da Triade Educacional, Lilian Bacich, também reconheceu que os professores já avançaram muito neste ano. Mas destacou que não é apenas o conhecimento e a aplicação de recursos em aulas enriquecidas por tecnologia que devem ser enfatizados nesse cenário de superação e transformação. “A gestão precisa auxiliar o professor a experimentar”, enfatizou Bacich ao explicar a necessidade de se valorizar a experimentação como etapa do processo formativo.

“Dar espaço e condições para o planejamento e para a formação de comunidades de aprendizagem entre os docentes, assumir-se como parceiro nesse desenvolvimento de competências. Os gestores estão ao lado da equipe. Mas, ao mesmo tempo, precisam dar condições para que ela avance”, disse a professora, que tem seu nome na capa de dois livros de importante leitura neste momento da educação: *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação* e *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática* – este, uma coautoria de José Moran.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

As escolas, que foram obrigadas a repentinamente se adaptar ao ensino remoto, deverão migrar para o ensino híbrido, transitando entre o presencial e o remoto, mesmo dentro do espaço escolar. “O ensino híbrido será uma tendência forte, e as escolas de Educação Básica valorizarão professores interessados em renovar suas práticas, atentos à nova cultura digital e às metodologias ativas que estimulem os aprendizados e a curiosidade dos estudantes”, disse Maria Helena Guimarães de Castro, membro do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Certamente, os professores precisarão desenvolver novas habilidades e competências e propiciar novas oportunidades de aprendizagens para apoiar o desenvolvimento das competências e habilidades essenciais da BNCC. Para a diretora de Conteúdo da Bett Educar – maior evento



A gestão precisa auxiliar o professor a experimentar

de inovação e tecnologia em educação da América Latina –, Maria Alice Carraturi, a pandemia acelerou a discussão sobre a educação em geral. Mas, principalmente, acendeu um holofote na questão da formação dos professores como um pilar fundamental para a continuidade das ações pedagógicas em momento tão adverso.

“A qualidade da educação de um país é o reflexo da qualidade dos seus professores. Assim, se não encararmos esse desafio, nosso País continuará com os piores indicadores de educação do mundo. É preciso arejar os cursos de formação com o que há de mais novo e o que já há de evidências. Muitos países já fizeram isso e têm apresentado resultados positivos na aprendizagem”, disse Carraturi.

O mais importante, nesse cenário, será investir na formação continuada dos professores, com prioridade ao desenvolvimento de competências vinculadas a três dimensões, como preveem as novas diretrizes do CNE. “Estamos diante de uma ruptura dos modelos tradicionais da Educação Básica, e isso requer uma mudança na abordagem pedagógica das propostas curriculares das escolas. Para melhorar as habilidades dos nossos professores a curto prazo, é preciso que os docentes desenvolvam práticas pedagógicas ativas e, progressivamente, dominem o uso das tecnologias para ajudá-los a desenvolver o ensino por projetos, jogos, realidade aumentada, aula invertida”, defendeu a conselheira Maria Helena Guimarães de Castro. ■

Management needs to nourish the teacher to experiment



The co-founder and director of Educational Triad, Lilian Bacich, also acknowledges that teachers have come a long way this year. But she stresses that it is not just the knowledge and application of resources in classes enriched by technology that should be emphasized in this scenario of overcoming and transformation. "Management needs to nourish the teacher to experiment," emphasizes Bacich when explaining the need to value experimentation as a stage in the training process.

"Give space and conditions for planning and for the formation of learning communities among teachers, assuming themselves as a partner in this development of skills. Managers are by the side of the team. But, at the same time, they need to provide conditions for it to go ahead," said the teacher, who has her name on the cover of two books which are relevant reading at this time in education: *Hybrid teaching: personalization and technology in education* and *Active methodologies for innovative education: a theoretical-practical approach* – the latter, a co-authorship with José Moran.

THE IMPORTANCE OF CONTINUING EDUCATION FOR TEACHERS

Schools, which were suddenly forced to adapt to remote education, must migrate to hybrid education, moving between classroom and remote, even within the school space. "Hybrid teaching will be a strong trend, and

Basic Education schools will value teachers interested in renewing their practices, attentive to the new digital culture and active methodologies that stimulate students' learning and curiosity," affirms Maria Helena Guimarães de Castro, member of the National Education Council (CNE).

Assuredly, teachers will need to develop new skills and competencies and provide new learning opportunities to support the development of essential National Common Curricular Base (BNCC) competencies and skills. For the director of Content at Bett Educate – the biggest event of innovation and technology in education in Latin America –, Maria Alice Carraturi, the pandemic has accelerated the discussion about education in general. But, mainly, it has lit a spotlight on the issue of teacher training as a fundamental pillar for the continuity of pedagogical actions in such an adverse moment.

"The quality of education in a country is a reflection of the quality of its teachers. Thus, if we do not face this challenge, our country will continue with the worst education indicators in the world. It is necessary to aerate training courses with what is most new and what there is already evidence. Many countries have already done this and have shown positive results in learning," stated Carraturi.

The most important thing, in this scenario, will be to invest in the continuing education of teachers, with priority to the development of competencies linked to three dimensions, as envisaged by the new guidelines of the CNE. "We are facing a rupture within the traditional models of Basic Education, and this requires a change in the pedagogical approach of the curricular proposals of schools. To improve the skills of our educators in the short term, it is necessary that teachers develop active pedagogical practices and, progressively, master the use of technologies to help them develop teaching through projects, games, augmented reality, inverted class," ensures the counselor Maria Helena Guimarães de Castro. ■

SUMMIT ÊXITO DE EMPREENDEDORISMO PROMOVE IMERSÃO NO UNIVERSO DO EMPREENDEDORISMO E NAS PERSPECTIVAS DO MUNDO PÓS-PANDEMIA

AF-studio/istock.com

Em sua segunda edição, evento reunirá mais de 130 conferencistas e acontecerá entre os dias 24 e 29 de novembro em formato completamente online e gratuito

Entre os dias 24 e 29 de novembro, a segunda edição do Summit Êxito de Empreendedorismo toma palco nas plataformas digitais. Em formato completamente online e gratuito, o maior congresso de empreendedorismo do Brasil conta com mais de 130 conferencistas e tem como tema principal *Empreendedorismo, tecnologia e inovação em uma sociedade disruptiva*.

Serão seis dias tomados por palestras, painéis e debates com grandes nomes do empreendedorismo nacional. Os conteúdos ajudarão os participantes a trilhar um caminho de autoconhecimento pessoal e profissional. Dessa maneira, o Summit Êxito vai analisar diversas questões que envolvem o mundo durante a pandemia e no pós-pandemia, trazendo análises, orientações e tendências para que as pessoas possam enfrentar os desafios da retomada das atividades.

O presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Janguiê Diniz, destaca que o Summit Êxito de Empreendedorismo já se consolida como referência para quem quer consumir conteúdo de qualidade e responsável sobre o universo do empreendedorismo. “O objetivo do evento é debater esse tema com pessoas que atuam em diversas áreas e são especialistas em diversos segmentos. Reunimos um time de palestrantes que realmente entendem e vivem na prática os dilemas, os desafios e as vantagens de ser um empreendedor”, conta Diniz, que, além de presidente do Êxito, é fundador do grupo Ser Educacional.

Janguiê Diniz será o responsável pela palestra de abertura do evento, ao lado do presidente da XP Investimentos, Guilherme Benchimol. Outros nomes fortes de diferentes áreas de atuação no Brasil também irão compor o time de palestrantes, como o fundador do

BTG Pactual, André Esteves; o cantor e empreendedor Wesley Safadão; o fundador do canal O Primo Rico, Thiago Nigro; o presidente do Credit Suisse, José Olympio; o presidente da Odonto Excellence Franchising, Oséias Gomes; o presidente da Volpato, Eduardo Volpato; o fundador da Anhanguera Educacional e da Must University, Antônio Carbonari Netto; a CEO da Atom, Carol Paiffer; o controlador e atual CEO do Grupo Life Brasil S.A., Alberto Jr; o fundador e CEO da Polishop, João Appolinário; o especialista em negócios, inovação e *startups* e líder do Acelera Fiesp, Fernando Seabra; o fundador e presidente do Instituto Brasileiro de Coaching, José Roberto Marques; a executiva de Tecnologia Lilian Primo Albuquerque; o reitor do Centro Universitário UniCarioca, doutor em Inteligência Artificial e diretor-presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), Celso Niskier; o consultor empresarial nas áreas de liderança, vendas, gestão de pessoas e negócios, fundador do Conexão Rede e dirigente do Movimento Educacional Brasil Lúdico, Márcio Giacobeli; o *partner* Bossa Nova Investments e um dos maiores investidores-anjo no Brasil, João Kepler; o empresário do segmento imobiliário, com conhecimento adquirido em institutos de renome nacional e internacional, Edgar Ueda; o especialista em Marketing Digital e fundador da Be Academy, Bruno Pinheiro; a escritora especialista em educação em resiliência em-

preendedora, idealizadora do método *Vença o stress em 21 dias*, Erika Stan-colovich; a empreendedora, comunicadora, mentora e palestrante, Aline Salvi; o professor e juiz federal brasileiro, autor dos *best sellers Como passar em provas e concursos* e *As 25 leis bíblicas do sucesso*, William Douglas; o ex-sócio de Donald Trump e fundador do Grupo SOL, Ricardo Bellino; o CEO do grupo SEB (Sistema Educacional Brasileiro), Chaim Zaher; o advogado, presidente da empresa Cherto e um dos fundadores da Associação Brasileira de Franchising (ABF), Marcelo Cherto; o embaixador global do Barcelona, palestrante e cofundador da rede de franquias Arena Belletti, Juliano Belletti; a maior especialista em auto-conhecimento e na metodologia Hoffman, Heloisa Capelas; e o empresário, palestrante e especialista em escalar profissionais autônomos no mercado digital, Guto Galamba. O fundador e presidente da Linha Direta e conselheiro fiscal do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Marcelo Chucre, irá participar do evento por meio de um vídeo em que apresentará o *Transformando Vidas* – projeto que tem como objetivo evidenciar o poder transformador do empreendedorismo por meio de relatos reais e histórias inspiradoras. Esses e outros empreendedores de sucesso compartilharão suas experiências profissionais no Summit 2020.

Para se inscrever, basta acessar o site www.summitexito.com.br. Todas as inscrições são gratuitas.

SOBRE O INSTITUTO ÊXITO DE EMPREENDEDORISMO

O Instituto Êxito de Empreendedorismo é o resultado de um sonho que envolve empreendedores visionários dos mais variados segmentos do Brasil. Hoje, já conta com mais de 450 sócios que compactuam de um mesmo propósito: fazer do empreendedorismo a turbina para impulsionar vidas e histórias.

O Êxito tem a filosofia de que, independentemente da classe social e econômica, qualquer pessoa pode transformar suas ideias em ações que mudem e melhorem a realidade e a comunidade na qual vive. Por isso, nasceu com o objetivo de estimular o dom empreendedor dos jovens, especialmente os de escolas públicas, onde há muitos talentos escondidos e boas ideias a serem impulsionadas. Instituição sem fins lucrativos, seu principal plano de ação está em oferecer uma plataforma de cursos online e gratuitos, além de realizar diversas ações voltadas para o fomento ao empreendedorismo.

Serviço:

Summit Êxito de Empreendedorismo

Data: 24 a 29 de novembro

Inscrições: www.summitexito.com.br ■

SUMMIT
EXITO
DE EMPREENDEDORISMO
ONLINE | 2020

24 A 29
DE NOVEMBRO

O MAIOR CONGRESSO DE EMPREENDEDORISMO DO BRASIL

+ **DE 130 PALESTRANTES**

ONLINE E GRATUITO

INSCRIÇÕES: www.summitexito.com.br



EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Unesco e Instituto Êxito de Empreendedorismo celebram acordo de cooperação para levar conhecimento sobre educação empreendedora a estudantes do Ensino Básico

A agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação, adotado pelos países-membros da ONU, que visa tornar o planeta um local mais seguro, próspero e justo para todos e todas. Esse plano contém 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que devem ser cumpridos até 2030. No ODS 4, que prevê uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, bem como a promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, a meta 4.4 estipula: "Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo".

No Brasil, um recente acordo de cooperação técnica e financeira assinado pela Unesco, agência da ONU especializada, e pelo Instituto Êxito de Empreendedorismo pretende contribuir para o alcance dessa meta. O acordo prevê a criação do projeto *Lições de empreendedorismo para o alcance de uma educação emancipadora e transformadora*. Nele serão desenvolvidas iniciativas de criação, produção e oferta de capacitação em empreendedorismo para estudantes do Ensino Básico da rede pública de educação. A expectativa inicial é de que o projeto-piloto atenda a 10 mil jovens e, posteriormente, seja estendido para toda a rede.

A capacitação conjunta da Unesco e do Instituto incluirá material didático especialmente desenvolvido para o projeto e o uso da plataforma online do Instituto Êxito de Empreendedorismo, que já conta com mais de 350 cursos gratuitos, além de mentorias e palestras inspiracionais e vídeos motivacionais.



Mila Perillo

Marlova Jovchelovitch Noletto, diretora e representante da Unesco no Brasil

Diretora e representante da Unesco no Brasil, Marlova Jovchelovitch Noletto destaca que a educação empreendedora, além de oportunizar conhecimentos técnicos, promove o desenvolvimento de habilidades muito importantes para os indivíduos, como comunicação, autoestima, criatividade, pensamento crítico, planejamento, organização, senso de responsabilidade individual e coletiva. “Ela estimula a inovação entre os jovens, faz com que eles acreditem que podem ser protagonistas de uma vida melhor, mais empreendedora e com mais qualidade e melhores condições de trabalho. Também traz aspectos relacionados às responsabilidades de cada um e aos riscos inerentes a suas escolhas”, analisa. E completa: “É fundamental para o desenvolvimento de indivíduos capazes e que poderão ter muito sucesso em suas vidas. Esse projeto [*Lições de empreendedorismo para o alcance de uma educação emancipadora e transformadora*] também visa contribuir para disseminar o tema junto aos gestores públicos das secretarias de Educação”.

Dentre as prioridades da Unesco está a educação para a cidadania global, proposta em que os conhecimentos e as habilidades socioemocionais, quando aplicadas no campo da educação, podem trazer mais qualidade à vida das pessoas. Nesse sentido, a educação empreendedora faz parte do processo de construção dessa cidadania, e por meio dela os jovens desenvolverão diversas habilidades, em especial para o futuro no mundo do trabalho.



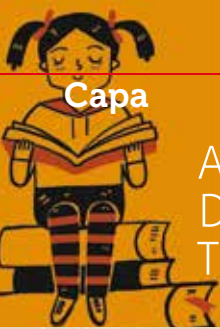


A diretora e representante da Unesco no Brasil acredita que o projeto de capacitação em empreendedorismo se fará ainda mais essencial e atual no contexto pós-pandemia da Covid-19. “Os desafios colocados pela conjuntura econômica em que vivemos envolvem fatores decisivos para o trabalho e para a empregabilidade de jovens e suas famílias, que poderão ser minimizados a partir do desenvolvimento de capacidades na formação empreendedora. Os jovens precisam estar preparados para absorver novos conteúdos, sobretudo os que possam oferecer a eles alternativas de futuro, com protagonismo e independência.”

Na parceria firmada com o Instituto Êxito de Empreendedorismo, o Setor de Educação da Unesco no Brasil atuará na coordenação e no monitoramento das atividades implementadas, trazendo especialistas para o desenvolvimento de metodologias inovadoras e articulando, com sua rede de parceiros, a disseminação dos cursos, que serão gratuitos. “Isso irá possibilitar a adoção da formação empreendedora pelas redes de educação pública nas turmas do Ensino Médio”, comemora Noieto.

Ela conta que uma das expectativas com o projeto é de contribuir com a oferta de uma educação de qualidade, emancipadora, que possibilite o desenvolvimento de habilidades empreendedoras. “Com isso, famílias que vivem em situação de alta vulnerabilidade social e econômica poderão vislumbrar oportunidades que permitam melhorar suas condições de vida”, diz. “Esperamos que esse projeto também possa contribuir para a implementação do novo Ensino Médio no Brasil, assim como para os jovens, na criação de oportunidades de vida e na construção de seus itinerários formativos, de acordo com suas escolhas. O Instituto Êxito e a Unesco firmaram essa primeira parceria e irão avaliar novas ações e cooperações, com o objetivo de promover o desenvolvimento e o sucesso dos nossos jovens”, afirma.





ASSINATURA DO ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E FINANCEIRA



Divulgação

O presidente da Linha Direta e sócio-fundador do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Marcelo Chucre, o fundador e presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Janguê Diniz, e o vice-presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Celso Niskier, participaram da assinatura do acordo de cooperação

A assinatura do acordo de cooperação para a construção e implementação do projeto *Lições de empreendedorismo para o alcance de uma educação emancipadora e transformadora* aconteceu por meio de uma reunião extraordinária, realizada de modo online, que contou com a participação de membros da Unesco, do Consed, e do Instituto Êxito de Empreendedorismo, dentre eles o fundador e presidente da Linha Direta e fundador e conselheiro fiscal do Instituto, Marcelo Chucre.

Chucre foi o responsável por apresentar o Instituto Êxito de Empreendedorismo para a Unesco, participando ativamente das negociações para a consolidação da parceria entre as entidades. Por isso, foi considerado padrinho do projeto. “Nessa perspectiva, a Marlova [Nolet] pode ser considerada a madrinha da Linha Direta. Temos uma parceria com a Unesco desde 2002”, enfatizou o presidente da Linha Direta. Ele também falou sobre a importância de incentivar a cultura empreendedora no Ensino Básico. “A transformação e o desenvolvimento brasileiro passam por uma educação empreendedora. O empreendedorismo deveria ser trabalhado desde cedo com nossas

crianças e jovens, especialmente nas instituições de ensino. Mesmo para aqueles que não desejam abrir um negócio, ter uma postura empreendedora faz a diferença em um mundo marcado por mudanças, algo, portanto, que tem sido valorizado no mercado formal”, afirma.

Na ocasião da assinatura do acordo, o fundador e presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Janguê Diniz, enfatizou que a educação é o principal motor para o desenvolvimento real, robusto e perene de uma nação, e que apenas com investimentos maciços nessa área é que o Brasil poderá dar um grande salto de desenvolvimento. Em seguida, ressaltou a alegria do Instituto com a parceria realizada com a Unesco para impulsionar o empreendedorismo no Brasil. “Conhecimento é um bem inalienável, portanto, investindo em sua disseminação, tenho certeza de que estamos garantindo um futuro melhor para milhares de jovens brasileiros que poderão ter suas vidas transformadas”, afirmou.

Rebeca Otero, coordenadora de Educação da Unesco no Brasil, explicou a relevância do projeto para o País. “Hoje, temos uma crise de aprendizagem e há necessidade de melhoria da qualidade. Paralelamente a isso, segundo a PNAD 2019, apenas 6,6% dos jovens do Ensino Médio frequentam cursos técnicos profissionais. Ou seja, eles não estão se preparando para o mundo do trabalho. Então, é extremamente importante levarmos um projeto que traga esse tema do empreendedorismo, tão necessário para que as pessoas tenham autonomia, para que qualifiquem suas vidas e o planeta com sustentabilidade.” Ela ainda completou: “A educação em que acreditamos traz lições de empreendedorismo e emancipação para os jovens, faz com que esses jovens tenham autonomia de vida e trabalhem aqueles quatro pilares que Jacques Delors propôs: aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver”.

Já o vice-presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Celso Niskier, disse que é preciso contagiar os jovens com a atitude empreendedora, colaborando para o atendimento das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ainda mais nesse momento crítico de saída da pandemia. “Nós precisamos trazer esperança para os nossos jovens, precisamos trazer a perspectiva de um futuro melhor. E acreditamos que essas lições do empreendedorismo trarão realmente uma perspectiva emancipadora e transformadora. Estamos muito animados”, finalizou. ■

AS **ESCOLAS** QUE
MAIS **EVOLUEM**
NO **ENEM**, SÃO **SAS!**

x 139
ESCOLAS

EM 1º, 2º OU 3º LUGAR
NOS SEUS RESPECTIVOS
MUNICÍPIOS


ESCOLAS **SAS**
HÁ **9** ANOS
ENTRE AS
8 MELHORES
DO PAÍS NO
ENEM

EM
2019 **2** DAS
6 MELHORES
ESCOLAS
DO BRASIL
ERAM **SAS**



APONTE A CÂMERA DO CELULAR E
CONHEÇA MAIS SOBRE O SAS!

SAS
Plataforma de Educação



COOPERAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO

A Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), juntamente com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), está conduzindo desde o início deste ano um projeto de implementação do Novo Ensino Médio na rede pública de ensino do Brasil. A parceria visa contribuir na reorganização do funcionamento dessa etapa escolar de forma a diversificar os currículos, alinhando-os à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que busca agregar aos conhecimentos essenciais as competências, habilidades e as aprendizagens pretendidas para crianças e jovens em cada fase da Educação Básica.

Para o Ensino Médio, a OEI está com especialistas em educação em todas as 27 unidades da Federação. Por meio de cooperação técnica, o grupo presta consultoria para as secretarias de Educação dos estados e do Distrito Federal, visando colocar em prática as mudanças nessa etapa

escolar. Novidades que vão desde a ampliação do tempo mínimo do estudante na escola, passando de 800 horas para mil horas anuais (um processo com prazo de consolidação até 2022), até a flexibilização do currículo com foco em conhecimento e formação técnica e profissional.

Aproximar as escolas da realidade dos estudantes de hoje e das demandas do mundo do trabalho e da vida em sociedade tornou-se um desafio que, no contexto da crise sanitária atual, se intensifica. Soma-se a essa realidade ultrapassar barreiras como o acesso, a manutenção e, principalmente, combater a evasão e o abandono.

O cenário brasileiro é complexo. Quatro em cada dez jovens não concluem o Ensino Médio, representando 40% dos jovens com até 19 anos. Algo muito maior que a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Por isso, é preciso tornar o Ensino Médio mais atrativo.

COOPERACIÓN COMO ESTRATEGIA DE IMPLEMENTACIÓN DE LA NUEVA ENSEÑANZA MEDIA

La Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), juntamente con el Consejo Nacional de Secretarios de Educación (Consed), está conduciendo, desde el inicio de este año, un proyecto de implementación de la Nueva Enseñanza Media en la red pública de enseñanza en Brasil. La sociedad intenta contribuir en la reorganización del funcionamiento de esa etapa escolar de forma a diversificar los currículos escolares, alineándolos a la Base Nacional Común Curricular (BNCC), que busca agregar a los conocimientos esenciales las competencias, habilidades y los aprendizajes pretendidos para los niños y jóvenes en cada fase de la Educación Básica.

Para la Enseñanza Media, OEI está con expertos en educación en todas las 27 unidades de la Federación. Por medio de cooperación técnica, el grupo presta consultoría para las secretarías de Educación de los estados y del Distrito Federal, visando colocar en práctica los cambios en esa etapa escolar. Novedades que van

desde la ampliación del tiempo mínimo del estudiante en la escuela, pasando de 800 horas para mil horas anuales (un proceso con plazo de consolidación hasta 2022), hasta la flexibilización del currículum con enfoque en conocimiento y formación técnica y profesional.

Acercar las escuelas de la realidad de los estudiantes de hoy y de las demandas del mundo del trabajo y de la vida en sociedad se ha vuelto un desafío que, en el contexto de la crisis sanitaria actual, se intensifica. Se suma a esa realidad ultrapasar las trincheras como es el acceso, el mantenimiento y, principalmente, combatir la evasión y el abandono.

El escenario brasileño es complejo. Cuatro en cada diez jóvenes no concluyen la Enseñanza Media, representando 40% de los jóvenes con hasta 19 años. Algo mucho mayor que la media de los países de la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE). Por eso, es necesario hacer la Enseñanza Media más atractiva.

Vinculá-lo a um projeto de vida do estudante para que ele entenda a importância da ampliação do conhecimento como uma ferramenta para desenvolver seus potenciais mostra-se um percurso promissor. Vem daí a aposta na reforma do Ensino Médio como instrumento para superar os desafios expostos, tornando-o mais integrativo.

Na prática, permite que o aluno seja protagonista no sistema de ensino, ao possibilitar relacionar os diferentes itinerários formativos com o viés profissionalizante, regional e de aprendizado. Ele poderá escolher as disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, sem deixar de lado as tradicionais áreas do conhecimento: matemática e suas tecnologias, linguagens e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias e ciências humanas e sociais aplicadas. Trata-se de uma ampliação de aprendizados.

Com o apoio do Consed, da OEI e de outros parceiros regionais, cada estado está fazendo seu plano de implementação e avaliações locais. À formação geral básica somam-se itinerários formativos que incluem projeto de vida, além de disciplinas eletivas e de tecnologia e inovação. As redes de ensino terão autonomia para definir quais itinerários irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar. Trabalham e avançam para tornar essa etapa mais atrativa e rica em significação para os estudantes, suprindo, no âmbito didático e do ponto de vista prático, a necessidade dos jovens do século 21.

A cooperação técnica da OEI e do Consed tem as secretarias de Educação como aliadas, uma vez que os gestores estaduais têm a percepção de que os jovens hoje querem mostrar a que vieram e fazer parte do cotidiano, de uma vivência, demonstrar sua autonomia. Um perfil antagônico



ao do Ensino Médio há três anos, com engessamento de disciplinas. Hoje não basta formar um cidadão consciente. Ele precisa ser crítico, criativo e autônomo e, principalmente, se sentir responsável pelo enfrentamento de novos desafios, como no caso da pandemia atual.

É preciso dar ao aluno condições de tomar decisões sábias e promissoras, tendo como base a investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural, além de empreendedorismo. Tudo aliado ao interesse e ao projeto de vida de cada um. Enfim, ter a educação como degraus para se atingir a autonomia e a atuação para a resolução dos problemas. Forma-se, assim, um cidadão ligado às questões locais da comunidade e, de forma mais ampla, conectado com a sociedade e a vida pública. Ao escutar os jovens, gestores em educação, professores e equipe escolar recebem de volta o protagonismo. Sentem-se, reciprocamente, inseridos na agenda dos jovens. E quem não gosta de fazer parte do pertencimento? ■



Vincularla a un proyecto de vida del estudiante para que él entienda la importancia de la ampliación del conocimiento como una herramienta para desarrollar sus potenciales se muestra un camino promisor. De ahí viene la apuesta en la reforma de la Enseñanza Media como instrumento para superar los desafíos expuestos, convirtiéndola en algo más inclusivo.

En la práctica, se le permite al alumno ser protagonista en el sistema de enseñanza al posibilitar relacionar los diferentes itinerarios formativos a través de la profesionalización. Él podrá elegir las disciplinas, proyectos, talleres, núcleos de estudio, entre otras situaciones de trabajo, sin dejar de lado las tradicionales áreas del conocimiento: matemáticas y sus tecnologías, lenguajes y sus tecnologías, ciencias de la naturaleza y sus tecnologías y ciencias humanas y sociales aplicadas. Se trata de una ampliación de aprendizajes.

Con el apoyo de Consed, de OEI y de otros socios regionales, cada estado está haciendo su plan de implementación y

evaluaciones locales. A la formación general básica se suma itinerarios formativos que incluyen proyecto de vida, además de disciplinas electivas y de tecnología e innovación. Las redes de enseñanza tendrán autonomía para definir cuales itinerarios irán a ofertar, considerando un proceso de involucrar la participación de toda la comunidad escolar. Trabajan y avanzan para volver esa etapa más atractiva y rica en significación para los estudiantes, supliendo, en el ámbito didáctico y del punto de vista práctico, la necesidad de los jóvenes del siglo 21.

La cooperación técnica de OEI y de Consed tiene las secretarías de Educación como aliadas, una vez que los gestores estatales tienen la percepción de que los jóvenes quieren mostrar a que vinieron y hacer parte del cotidiano, de una vivencia, demostrar su autonomía. Un perfil antagónico al de la Enseñanza Media de desde hace tres años, con el congelamiento de disciplinas. Hoy no basta formar un ciudadano consciente. Él necesita ser crítico, creativo y autónomo y, principalmente, sentirse responsable por enfrentar a los nuevos desafíos, como en el caso de la pandemia actual.

Es necesario dar al alumno condiciones de tomar decisiones sabias y promisoras, teniendo como base la investigación científica, procesos creativos, mediación e intervención sociocultural, además de emprendedurismo. Todo aliado al interés y al proyecto de vida de cada uno. En fin, tener la educación como escalones para atigrir la autonomía y la actuación para la resolución de los problemas. Se forma, así, un ciudadano conectado con las cuestiones locales de la comunidad y, de forma más amplia, conectado con la sociedad y la vida pública. Al escuchar los jóvenes, gestores en educación, profesores y equipo escolar reciben de vuelta el protagonismo. Se sienten, recíprocamente, inseridos en la agenda de los jóvenes. ¿Y a quién no le gusta sentirse perteneciente? ■

INTELIGÊNCIA DE ESCOLA *VERSUS* INTELIGÊNCIA DE RUA



Imagem: Freepik

A tecnologia ganhou um aliado implacável – a Covid-19 –, que está colocando uma despautéria velocidade nas metamorfoses, meses atrás inimagináveis. A transmutação não será meramente técnica, mas mormente de comportamento e postura profissional e cidadã. Mais do que antes, as escolas e demais instituições, além de ter transparência e clareza de suas promessas e propostas de valor, precisarão agir de acordo com elas.

As escolas deverão reimaginar como será o “novo normal” e definir como irão se reinventar e desenhar estratégias, processos e operações. O digital será onipresente, haverá um aumento da (in)fideliidade, o consumo será mais repensado e seguro e o fito será o definidor da decisão de aquisição do produto ou serviço. Assim, mais importantes do que as agruras e tribulações que a pandemia está causando são as atitu-

des das instituições, os modos como estão agindo e reagindo e com quais propósitos, pois significarão os motivos essenciais para decisão de fidelidade.

É veraz que o *modus vivendi* e a cultura nunca foram um costume estático, mas um palanque de negociação, mediado pela evolução da tecnologia, em que as pessoas, o mercado e a sociedade estão em constante processo de recriação e reinterpretação de conceitos, princípios, hábitos e modelos mentais. Ao se apropriar desses novos arquétipos, as pessoas passam a empregá-los como instrumento de desempenho, comportamento e dinâmica nesse mundo contemporâneo, mais tecnológico e cognitivo. Contudo, muitos educadores insistem em não se adaptar e ainda manuseiam os mesmos princípios industriais analógicos que orientaram e ainda norteiam todos os níveis da educação brasileira. O resultado é a formação de uma vasta gama de indivíduos, capazes de ler, mas incapazes de compreender, interpretar, analisar, aplicar, sintetizar, criar, julgar e transferir o que leu. São nada mais que pessoas culturalmente educadas, porém inúteis quando se trata de empregabilidade e trabalhabilidade.

A globalização e a aceleração das metamorfoses tecnológicas são absolutamente compreensíveis. A automação das fábricas dizimou empregos na Revolução Industrial, estimulou a robotização e o desenvolvimento da inteligência artificial, *big data* e internet das coisas e suscitou a denominada Indústria 4.0, que ampliará essa destruição, fazendo com que os humanos sejam substituídos na maioria das ocupações existentes. Com isso, não haverá apenas desempregados, como também não empregáveis, indivíduos que não possuem as competências necessárias para as novas ocupações da era digital cognitiva – isso porque a educação tradicional sugere que os estudantes desenvolvam “inteligência de escola”, contudo não adquiram “inteligência de rua”. Potencializam habilidades que lhes permitem movimentar-se pelo sistema escolástico, tornam-se hábeis em jogar e se destacar nesse *game* denominado *escola*, medram inteligência de escola, mas não inteligência de rua.

Inteligência de rua significa deter habilidades de pensamento de alto nível que lhes permitem ir além do sucesso nas provas e exames escolares, se tornem empregáveis e empreendedores, vivenciem e trabalhem no mundo real, resolvendo problemas palpáveis, no tempo presente. Inteligência de escola expressa estar bem preparado para passar em algum vestibular ou processo seletivo, sair-se bem no Enade, nas provas das corporações, pois é isso que proporciona à escola a imagem de qualidade, atributos que eram suficientes para o emprego e ocupações físicas, repetitivas e preditivas da Revolução Industrial e Pós-industrial.

“ (...) a educação tradicional sugere que os estudantes desenvolvam ‘inteligência de escola’, contudo não adquiram ‘inteligência de rua’ ”

“ O novo paradigma de aprendizagem é o da progressiva retirada da dependência dos discentes em relação ao docente, bem como a garantia de que os egressos desenvolvam inteligência de escola e inteligência de rua (...) ”

Qual a diferença em ser inteligente de escola e ser inteligente de rua? O que torna muitos desses estudantes ases nos colégios, ateneus e faculdades, capazes de se saírem bem nas provas, testes e exames e, ao mesmo tempo, despreparados para a vida?

Ficamos com a pluralidade do “e”, não com a oclusão do “ou”. Hodiernamente, inteligência de escola e inteligência de rua são essenciais. Para a segunda pergunta, talvez uma resposta rápida esteja relacionada à falta de adequação, adaptação e evolução do modelo pedagógico para ter êxito nessa nova plataforma de mundo digital. Isso não significa que a escola tradicional, que enfatizou a inteligência de escola, foi ou é um fracasso; certamente ela tem seu mérito, benemerência e relevância na formação de excelentes profissionais cidadãos. Todavia, afloraram novas tecnologias, metamorfoseou-se o contexto, emergiram outras circunstâncias, e é necessário o desenvolvimento de competências contemporâneas, habilidades modernas, retenção permanente e aplicação dos conhecimentos essenciais assimilados.

No protótipo da educação tradicional, a memorização é mais valorizada do que pensar criticamente sobre o conteúdo. Os discentes dependem de seus docentes para lhes indicar o que fazer, como fazer, quando fazer, para passar nos testes, mudar de nível, adquirir inteligência de escola, se formar. O foco é a afixação célere, temporal, passageira dos conteúdos estudados, em um ambiente rigidamente sincronizado e controlado. Com a mutação de época, gerou-se a necessidade de competências adequadas a esse novo arquétipo de sociedade digital. Nesse sentido, a educação clássica não consegue formar o indivíduo por completo, mas fragmentos que devem se amoldar em um vácuo apropriado. À vista disso, o sucesso da escola tradicional não mais garante êxito na vida real contemporânea.

Para auxiliar os aprendizes em sua transição bem-sucedida da escola para a vida, é mister cambiar as responsabilidades dos diversos envolvidos. Os conteúdos devem estar a serviço do desenvolvimento de competências, o que significa que o currículo incluirá tanto os saberes quanto a capacidade de mobilizá-los, aplicá-los e transferi-los. O estudante deve se tornar mais autônomo nos estudos dos conceitos, princípios e teorias, e ao professor caberá criar o ambiente propício à aplicação dos conteúdos necessários para o desenvolvimento das competências cognitivas, socioemocionais, volitivas e discernitivas. Embora possa parecer simples, é, de fato, uma tarefa incrivelmente complexa. Para que essa metamorfose ocorra e seja realmente bem-sucedida, ela deve ser aceita nos corações e mentes de todos os educadores e *stakeholders*. O novo paradigma de aprendizagem é o da progressiva retirada da dependência dos discentes em relação ao docente, bem como a garantia de que os egressos desenvolvam inteligência de escola e inteligência de rua e angariem uma aprendizagem autônoma ao longo da vida. ■

Novo programa da Foreducation EdTech para uma educação personalizada e flexível



APRENDIZAGEM COMBINADA

Nosso **Programa de Aprendizagem Combinada** estabelece caminhos de combinação entre aulas on-line e presenciais, remodelando pontos como gestão do tempo, cultura digital, autogestão da aprendizagem e trabalho em equipe, de forma que não ocorra prejuízo pedagógico para a instituição, educadores e alunos.

- Combinação entre aulas presenciais e on-line
- Adaptação da gestão do tempo
- Aprimoramento do trabalho em equipe
- Adequação das estratégias de planejamento e práticas pedagógicas
- Manutenção das atividades da sua instituição de ensino em qualquer situação.



Nosso time é formado por educadores • mestres e doutores • temos auxiliado inúmeras Instituições de Ensino e podemos apoiar a sua também.

Vamos conversar!

✉ contato@foreducationedtech.com.br

☎ 11 99704-6058

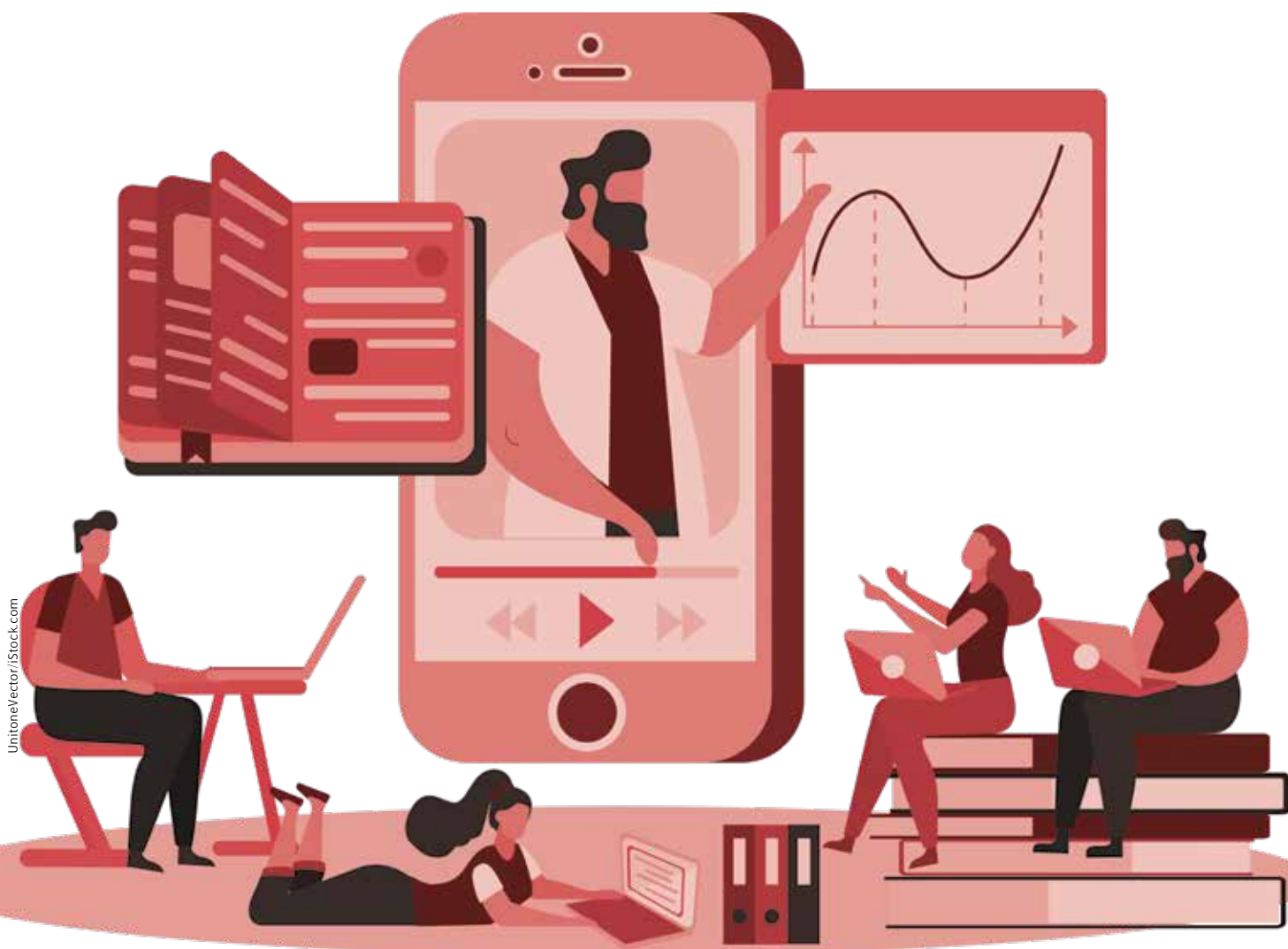
📷 | [f](#) | [in](#) | [▶](#) /foreducationedtech

Saiba mais



FLUÊNCIA DIGITAL

COMO INTEGRAR A TECNOLOGIA À PRÁTICA DO PROFESSOR?



UnitoneVector/Stock.com

Há tempos a fluência digital tem sido discutida no ambiente educacional, mas o momento que estamos vivendo trouxe ainda mais visibilidade ao tema, deixando clara a sua importância. Chegou a hora, tão temida por muitos educadores, de encarar o bicho-papão da tecnologia que os atormentava e enfrentar seus medos e receios, para que consigam dar continuidade aos seus trabalhos.

Ser fluente digital é uma necessidade, ter um corpo docente fluente digital será indispensável. Entender como a tecnologia pode trazer benefícios para o ensino-aprendizagem de professores e alunos ainda é um grande desafio para as instituições de ensino.

MAS O QUE SIGNIFICA SER FLUENTE DIGITAL?

Quando falamos em fluência, geralmente nos vem à cabeça a fluência em idiomas. Quando uma pessoa é fluente em algum idioma quer dizer que ela sabe tudo sobre aquela língua? Certamente não. De certo modo, podemos dizer que ter fluência significa ter domínio o suficiente e com a profundidade que nos permita um bom desempenho. Contudo, quanto maior a profundidade de conhecimento e domínio, maior será o nível de fluência.

Assim, para ser fluente digital é preciso ir além de saber como funcionam as novas tecnologias e suas ferramentas e entender para o que elas podem servir, de modo que sejam um meio de atingir o objetivo e não o fim do processo ou foco de entretenimento ou objetivo final.

Agora, como promover a fluência digital da sua equipe? Via de regra, precisamos conhecer a equipe, traçar objetivos e trabalhar para aprimorar o conhecimento por meio de estratégias personalizadas. É aqui que entra, então, a importância da formação e orientação dos membros da sua equipe, professores e administrativo, buscando prepará-los para que usem a tecnologia de forma adequada.

Em relação à formação de professores, existem vários modelos e abordagens utilizados para se trabalhar o desenvolvimento profissional docente, dentre os quais podemos destacar o TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge). A relevância desse modelo é defendida por diversos pesquisadores, pois ele permite a utilização efetiva e eficaz das tecnologias nos processos educacionais, por meio da integração de três componentes centrais e das interações entre eles: o conteúdo, o pedagógico e o tecnológico.

O profissional precisa ter uma visão do processo de ensino-aprendizagem como um todo, com início, meio e resultado. Considerando que ele já domina o conhecimento específico da sua área e o conhecimento pedagógico essencial, é preciso desenvolver o conhecimento tecnológico. Para tanto, é necessário propiciar uma formação continuada que possibilite a ele atribuir um novo significado para as tecnologias e que ele as utilize para práticas pedagógicas que resultem em uma aprendizagem significativa.

É comum que no início haja a inclusão de tecnologia apenas para substituir os recursos tradicionais: a

“ É preciso
que o
professor
se sinta
confortável
em utilizar
os novos
recursos (...) ”

apostila impressa pela digital, a projeção de slides, dentre outros, sem adicionar uma função nova.

Apesar de ser um avanço importante, não é o suficiente. No modelo SAMR, criado pelo Dr. Ruben Puentedura, a substituição é o primeiro de quatro níveis do uso de tecnologia no meio pedagógico, sendo os outros três a ampliação, a modificação e a redefinição.

Ao ampliar o uso da tecnologia, percebe-se que há apenas uma melhoria funcional, ou seja, continua-se substituindo uma tecnologia antiga, sem avanço pedagógico, mas com “um toque” dado pelas funcionalidades da nova tecnologia. Isso ocorre, por exemplo, quando utilizamos uma apresentação para demonstrar um conteúdo/atividade para os alunos (até aqui, estamos no nível da substituição) e adicionamos a ela recursos como vídeos, *gifs*, áudios, dentre outros (passando para o nível da am-

pliação). Esses dois primeiros níveis não geram uma alteração significativa no processo educacional.

É a partir do terceiro nível, o da modificação, que a mudança começa a ser mais expressiva, conquistando-se uma nova forma de aprendizagem. Um exemplo? Quando tarefas simples como um trabalho em grupo pode ser feito em uma sala de aula virtual, onde os alunos podem realizá-lo de maneira colaborativa, em um mesmo documento, sem que os integrantes precisem estar presencialmente reunidos.

Já ao alcançar o nível da redefinição, o quarto nível, criam-se atividades que não eram possíveis sem a tecnologia, como demonstrar a estrutura de uma célula em realidade aumentada. Desse modo, ao integrar a escala SAMR à formação continuada de professores, estaremos propiciando o desenvolvimento do conhecimento tecnológico, bem como sua interação com o conhecimento pedagógico e de conteúdo, contribuindo, portanto, para a fluência digital do professor.

O professor precisa sentir-se seguro e amparado durante esse processo, por isso é fundamental que haja um suporte especializado para ajudá-lo a sair da areia da praia e chegar ao mergulho em alto-mar. Um programa de fluência digital bem estruturado e executado será essencial para o sucesso dessa trajetória.

É preciso que o professor se sinta confortável em utilizar os novos recursos, integrando-os à sua prática profissional, o que tende a se tornar um hábito inclusive na vida pessoal. Só assim será possível redefinir suas práticas pedagógicas e, juntamente aos alunos, promover a construção de um conhecimento transformador e inovador. ■

BRACO
10 anos

HIKVISION[®]

Tecnologia que faz aferição de temperatura e verifica o uso de máscara!



Fornecemos soluções de detecção de temperatura e verificação do uso de máscara para áreas com alto fluxo de pessoas.

Siga a Brako
nas redes sociais



HIKVISION,
Tecnologia que cuida de você.



ERA UMA VEZ UMA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

Como num conto de fadas cheio de castelos e feudos, uma telinha de computador se transformou no reino do conhecimento. E como fazer essa história ter um final feliz?

Na mesinha improvisada colocada num dos cantos do quarto, Júlia observa atentamente a tela do computador à sua frente enquanto acomoda os fones de ouvido. No mesmo momento, na antessala, próxima à cozinha, o que antes era apenas a mesa de jantar agora abriga também *notebooks*, celulares e uma impressora, onde Carla elabora algumas planilhas enquanto o marido Jorge, do outro lado da mesa, participa de uma videoconferência, via Zoom, com o pessoal do escritório.

Cenas como essa se tornaram comuns em 2020 na maioria dos lares mundo afora. Em todos os segmentos de negócios, processos tiveram que ser repensados e profissionais foram chamados a mudar drasticamente sua forma de atuação. Em alguns setores, os ajustes foram rápidos, em outros, ainda estão em processo. O fato é que a pandemia destravou e, por vezes, empurrou as organizações no sentido de realizarem o que vem sendo chamado de *transformação digital*. E, nesse empurrão, a escola foi fortemente impactada.

QUE BICHO É ESSE?

Para entender o que está em curso, é importante saber do que estamos falando. Embora o termo reporte ao uso da tecnologia, ele vai muito além disso. Não se trata apenas de uma nova maneira de viver ou trabalhar, como ilustramos no início do texto. Essa é uma mudança muito mais significativa e abrangente. No caso da educação, por exemplo, ela não ocorre apenas com a digitalização. Ela implica uma mudança cultural, em que a tecnologia é o pilar central que suporta as ações estruturantes.

Ao falar em mudança cultural, estamos falando sobre hábitos, paradigmas, formas de fazer e pensar. Portanto, transformação digital é menos sobre tecnologia e mais sobre pessoas. Por isso mesmo é importante entender o conceito e as reais mudanças que ele embute, especialmente na forma de pensar o uso da tecnologia na escola.

O isolamento social levou a comunidade educativa a refletir sobre essa questão, pois se até pouco tempo atrás os recur-

sos digitais estavam ligados ao uso de catracas eletrônicas, aplicativos, sistemas, *sites* e lousas digitais, o advento da transformação digital na escola lançou luzes sobre toda a organização escolar e seus diversos processos operacionais, sejam eles pedagógicos, sejam eles administrativos. E o que isso significa?

AVANÇOS EXPONENCIAIS

Entre muitas coisas que essa transformação pode representar no ambiente escolar, podemos mencionar a personalização da experiência do cliente (CX) em todas as suas dimensões; maior produtividade e economias de escala nos processos – pedagógicos e administrativos; e melhor utilização dos dados operacionais, o que permite significativa melhoria no processo decisório.

Seja qual for o viés, a mudança de mentalidade se torna um pré-requisito para que, a partir dela, a tecnologia possa entrar em cena e viabilizar as melhorias. Para que isso aconteça, entretanto, alguns passos são importantes e merecem ser observados com carinho ao se iniciar um projeto de transformação digital na escola.

O primeiro deles é manter a comunidade educativa informada e motivada. Considerando que se trata de mudança de mentalidade, o entendimento dos conceitos é fundamental para que haja o engajamento da equipe. A capacitação e a comunicação são peças-chave.

O segundo é somar forças, buscando parceiros que podem ser considerados referência nessa jornada. A assessoria de um profissional externo também pode agregar muito ao processo. É bom lembrar que essa será uma mudança significativa e, portanto, haverá certamente percalços pelo caminho, e nessa hora a orientação de quem domina o assunto é essencial.

O terceiro movimento consiste em mapear o ambiente da escola e identificar exatamente em que estágio ela se encontra em relação ao mundo digital. A partir daí, definir objetivos concretos ajudarão a manter o foco e, ao mesmo tempo, permitirão ao time aprender com o processo.

Finalmente, é bom lembrar que se trata de um movimento gradual. Por isso, é recomendável manter um cronograma e um plano de ação, para que as coisas aconteçam.

Uma vez que a escola já esteja mergulhada no movimento de transformação digital, investimentos em recursos tecnológicos devem ser sistematicamente incluídos no orçamento anual, pois eles serão cada vez mais importantes no contexto escolar, para que haja sempre uma melhor experiência de aprendizagem, principalmente para quem está naquela mesinha, no canto do quarto... Não é mesmo, Júlia? ■





2020 A TRAGÉDIA DOS POLÍTICOS QUE AS GERAÇÕES NÃO ESQUECERÃO

O ano de 2020 vai entrar para a história, não só por causa da pandemia e de suas graves consequências, mas também pelos tristes fatos com os quais estamos convivendo, à mercê de políticos que insistem em negar a ciência – em nome dela! – em função da eleição, para esconder a própria inépcia na gestão da educação pública, mesmo que seja ao preço de interferir gravemente na vida e na saúde de crianças e adolescentes, retardando a volta às aulas, mesmo parcial e voluntariamente.

E se os pequenos estão em casa, confinados, como se contaminam e até mesmo morrem, infelizmente? Isso acontece porque estão convivendo com jovens e adultos que saem para trabalhar, usam transporte público lotado, se contaminam e transmitem a doença. Quem diz isso? A ciência, por meio de vários estudos, observações médicas e pesquisas no próprio ambiente escolar, como na Alemanha e França (a partir de seis escolas em uma região altamente afetada pela doença, Crépy-en-Valois).

A própria OMS já afirmou que as escolas não são o motor principal de transmissão da Covid-19. O ECDC, centro de prevenção de doenças europeu, declarou que as escolas são uma parte essencial da vida das crianças. E que, nos países que reabriram as escolas, “não se registrou aumento nos contágios”. E agora, também o Unicef e a Unesco ressaltam que as escolas só devem ficar fechadas como último recurso, não como primeiro.

O estudo *Covid-19 e a reabertura das escolas*, elaborado por médicos e especialistas, mostra e fundamenta a experiência bem-sucedida em mais de 15 países. Na Dinamarca, as escolas retornaram 30 dias após o início da pandemia, bem próximo do pico da curva



glaxia/stock.com

de contágio. Na Bélgica – que teve mais mortes pela doença do que o Brasil, comparativamente com a população total – a volta foi em 68 dias. O retorno “não alterou a curva da doença e não houve surto causado pela reabertura: isto é muito importante. Não é opinião, são fatos”, diz o médico Fabio Jung, um dos coordenadores do estudo. Vietnã, Camboja e Nigéria, que têm menos condições do que nós, já iniciaram o processo de reabertura.

Por aqui, a tragédia anunciada é a de que a cidade de São Paulo ostenta um triste recorde mundial em 7 de outubro: 200 dias de escolas fechadas. Ruim? Ainda poderá ficar pior, pois o prefeito condiciona o retorno das aulas presenciais, em novembro, aos resultados de testes sorológicos, ou seja, mais do mesmo. Mas o que esse teste revela? Se a criança está com a doença? Não, só identifica se há ou não a presença de anticorpos. Se ela foi possivelmente contaminada no passado. Fica claro que é apenas uma cortina de fumaça, para tentar justificar o injustificável.

Os paulistanos, forçados a conviver com o uso eleitoreiro da doença, não devem ter dúvidas sobre de quem são as responsabilidades, atuais e futuras, advindas dessa situação, por infringir danos físicos, emocionais e psíquicos, prejudicando gravemente várias gerações de crianças e adolescentes.

A OCDE aponta um impacto mundial negativo por décadas, em estudo realizado quando o fechamento das escolas era de 14 semanas (98 dias). O que dirá então de 200 dias? Ou, indo ainda mais além, para 2021, como tragicamente já anunciaram governadores e dezenas de prefeitos pelo País afora, que não se importam com o sofrimento das crianças? ■



**LEI N. 14.040
DE 2020**
E o fim do
estado de
calamidade
pública



Em 19/8/2020, o Diário Oficial da União publicou a Lei n. 14.040, que, conforme primeira parte de sua ementa, “Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020; (...)”. A lei resulta da conversão da MP 934, que por sua vez flexibilizou os 200 dias letivos (para a Educação Básica) logo no início da pandemia.

Ao analisar o texto da MP 934, o Congresso Nacional agregou importantes mudanças, como, por exemplo, a dispensa, na Educação Infantil, da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de trabalho educacional e do cumprimento da carga horária mínima anual previstos no inciso II do *caput* do art. 31 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Por outro lado, manteve a obrigatoriedade das 800 horas para o Ensino Fundamental

e Médio, mas flexibilizou a organização dos calendários, abrindo espaço para o cumprimento dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Além disso, a integralização da carga horária mínima do ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido em seu art. 1º poderá ser feita no ano subsequente, inclusive por meio da adoção de um *continuum* de duas séries ou anos escolares, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE, a BNCC e as normas dos respectivos sistemas de ensino.

Pois bem: a Lei n. 14.040/2020, em boa hora, traz garantias concretas, mas, ao mesmo tempo, é demasiadamente evasiva quando cede espaço aos conselhos estaduais e municipais para editar normas específicas. Em tempos de regularidade, é assim mesmo que o sistema deve funcionar. Entretanto, normalidade é artigo que anda em falta nos mercados mundiais.



“ Lamentavelmente,
a educação
anda longe de
ocupar o lugar de
destaque no pódio
das prioridades
nacionais ”

Mais que isso, a Lei n. 14.040/2020 regula a excepcionalidade, como estampado em seu art. 1º:

Art. 1º. Esta Lei estabelece normas educacionais a serem adotadas, em caráter excepcional, durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020.

Parágrafo único. O Conselho Nacional de Educação (CNE) editará diretrizes nacionais com vistas à implementação do disposto nesta Lei.

Perceba-se que, no parágrafo único do art. 1º, a lei determina que o Conselho Nacional de Educação (CNE) editará diretrizes nacionais com vistas à implementação do disposto nessa mesma lei. Ou seja, a determinação é para que o CNE confira eficácia às garantias detalhadas nos artigos seguintes.

Portanto, submeter a excepcionalidade do ano letivo de 2020 às normas que vierem a ser editadas pelos conselhos estaduais e municipais, além de enfrentar a escassez do tempo, pode gerar interpretações múltiplas, confusas e portadoras de insegurança, em um ambiente já tumultuado, em função da pandemia.

Tendo em vista, enfim, que o que já está ruim ainda pode piorar, as instituições e redes de ensino se defrontam com um outro problema, suficiente para comprometer o já escasso sono dos gestores. O art. 1º é muito claro quando trata da excepcionalidade durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo 6/2020. Ao conferir o referido decreto, constata-se que este reconheceu os efeitos da calamidade pública até 31/12/2020. Assim é que, na data de hoje, a Lei n. 14.040/2020 fixa normas excepcionais, apenas para o ano letivo de 2020.

Para azedar ainda mais a já difícil situação, veicula a mídia que há disposição de alguns prefeitos, assim como se vê em decisões judiciais, para que o retorno às aulas presenciais somente aconteça quando houver vacina, sabendo-se, de antemão, que a vacinação em massa tem pouquíssimas chances de acontecer antes do fim do primeiro semestre de 2021.

É visível o descompasso entre as deliberações legislativas e a vontade de órgãos dos executivos municipais e estaduais e setores do judiciário. E desse descompasso pode resultar que os grandes perdedores da pandemia venham a ser os estudantes.

Lamentavelmente, a educação anda longe de ocupar o lugar de destaque no pódio das prioridades nacionais. O fim do estado de calamidade pública pode significar apenas o começo ou a continuidade do estado de calamidade na educação, enquanto política pública. ■

Já imaginou poder oferecer aos seus alunos a melhor experiência de atendimento? Simples e rápido!

O **Negociejá** é uma **plataforma de negociação online da J A Rezende**, uma das mais renomadas empresas de recuperação de crédito do mercado brasileiro, reconhecida por suas soluções inovadoras.



Negocie a qualquer hora
Você escolhe o melhor horário, 7 dias por semana.



Sem ligações telefônicas
Você resolve tudo em um clique.



Simples e rápido
Você a 1 passo para se livrar das suas dívidas.



100% Seguro
Fique tranquilo, toda negociação é realizada em ambiente seguro.



Acesse onde quiser
Pelo computador, tablet ou celular, você escolhe!



Canais de atendimento
Acesse o chat caso você tenha alguma dúvida.

Fale com a gente!

(11) 3293-1451
comercial@jarezende.com.br
www.negociejá.com

 **Negociejá**


JA REZENDE

EDUCAÇÃO SUPERIOR PELO PRISMA DA OCDE E A REALIDADE DO BRASIL

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo traçar paralelo entre a Educação Superior brasileira e as teses defendidas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que é uma organização econômica intergovernamental com 37 países-membros, fundada em 1961 para estimular o progresso econômico e o comércio mundial. É um fórum de países que se descrevem comprometidos com a democracia e a economia de mercado, oferecendo uma plataforma para comparar experiências políticas, buscar respostas para problemas comuns, identificar boas práticas e coordenar as políticas domésticas e internacionais de seus membros. A OCDE é um observador oficial das Nações Unidas.

O relatório *Education at a Glance 2019* (EAG), da OCDE, enfoca prioritaria-

mente a Educação Superior e traz uma série de análises que permitem colocar a educação brasileira em perspectiva no cenário internacional.

O estudo é divulgado anualmente e, nesta edição de 2019, foram analisados dados de 46 países – 36 integrantes da OCDE e Argentina, Brasil, China, Colômbia, Costa Rica, Índia, Indonésia, Federação Russa, Arábia Saudita e África do Sul.

Os dados do Brasil são compilados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), conforme a demanda da OCDE. Nem sempre os dados divulgados no EAG são os mais atuais, pois a organização privilegia a comparabilidade internacional.

O relatório *Education at a Glance 2019* revela que o Brasil é um dos países com menos pessoas com Ensino Su-

Antônio Carbonari Netto

Mestre em Educação, Administração e Comunicação. Fundador, diretor e conselheiro do Instituto Êxito de Empreendedorismo

Francislene Hasmann

Pós-doutora em Engenharia Química e doutora em Biotecnologia. Diretora adjunta de Regulação e Qualidade do grupo Ser Educacional. Professora universitária e professora pesquisadora stricto sensu da Universidade do Amazonas

Iara de Xavier Braga

Doutora em Saúde Pública. Consultora e diretora-executiva da EDUX Consultoria. Sócia e conselheira do Instituto Êxito de Empreendedorismo. Assessora da Presidência da ABMES e diretora técnica da Abrafi



perior completo e com menores taxas de doutores. Segundo o documento, apenas 21% dos brasileiros de 25 a 34 anos têm Ensino Superior completo, enquanto a média dos países que fazem parte da OCDE é em torno de 44%.

Embora a porcentagem de jovens adultos (25-34 anos) com diploma superior tenha dobrado no prazo de uma década, o Brasil permanece com taxas de atendimento abaixo da média da OCDE e de outros países latino-americanos, apesar das metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014.

Segundo o EAG 2019, no ano de 2008, 11% dos brasileiros de 25-34 anos tinham diploma de nível superior. Em 2018, eram 21%. O dado brasileiro é comparável ao do México, mas está

abaixo de outros países latino-americanos, como Chile (25%) e Argentina (36%). Essa porcentagem corresponde à metade da média dos países da OCDE.

As taxas de conclusão da Educação Superior no Brasil são mais baixas do que a média da OCDE, o que remete a uma discussão sobre a eficiência do sistema e sobre a permanência dos estudantes.

Segundo o EAG 2019, somente 33% dos estudantes que entram numa graduação terminam no tempo esperado. A porcentagem é menor do que a média entre os países investigados no EAG 2019: 39%.

Quando se considera um período de três anos adicionais, 50% concluem o curso de graduação, ante uma média de 67% nos países do EAG 2019. Dos

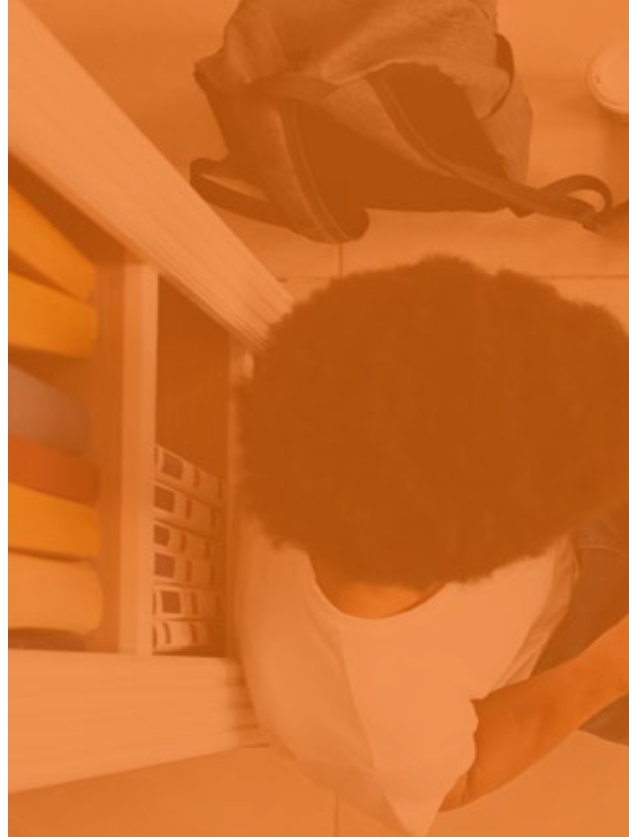
“ A educação precisa provocar, contextualizar, trazer significados e fazer sentido ”

estudantes que não concluem nesse prazo, um terço abandona o sistema sem se formar.

Quando falamos de níveis mais altos de instrução, como mestrado e doutorado, os números são ainda mais desanimadores: apenas 0,8% das pessoas de 25 a 64 anos no Brasil concluíram o mestrado, e 0,2% chegaram ao doutorado — das 35 nações que disponibilizaram dados sobre o doutorado, o Brasil ficou entre as três piores.

Nesse contexto, pretendemos contribuir com o debate sobre a Educação Superior brasileira, que vive momento de crise por conta de muitos fatores. Dentre eles, destacamos a pandemia da Covid-19, que, no Brasil, teve início em 26 de fevereiro do corrente ano, a situação precária do financiamento estudantil e a permanência do modelo tradicional de educação, como hegemônico, nas instituições de Educação Superior (IES) públicas e privadas.

Para a OCDE, a Educação Superior no século XXI precisa assumir a cultura digital, a flexibilidade, as tecnologias



de informação e comunicação, o empreendedorismo, a criatividade, a responsabilidade e a socialização, com a garantia da educação de qualidade, igualitária e equânime. Corroborando vários educadores, assumimos que o conceito de qualidade é relacional.

Morosini (2009) define qualidade, no artigo intitulado *Qualidade na educação superior: tendências do século*, como

Constructo imbricado no contexto das sociedades e consequentemente nos paradigmas de interpretação da sociedade e do papel da educação superior na construção de um mundo melhor e, me atreveria a dizer, sustentável. Cumpre também pensarmos e implantarmos efetivamente a concepção de qualidade como equidade.

No nosso entender, essas características apresentadas pela OCDE são elementos constitutivos da Educação Superior inovadora e disruptiva, que se opõe ao modelo tradicional e conservador, que teve origem na primeira revolução industrial no século XVIII.



REALIDADE BRASILEIRA

Nesse contexto, cabe a seguinte pergunta: o que o Brasil está fazendo para adotar as recomendações da OCDE, que visam à formação cidadã, empreendedora, humanista e ética sintonizada com o século XXI?

Essa questão norteadora remete às características deste século, que é volátil, complexo e não linear, que passa para a história como o século da pandemia da Covid-19, que parou o mundo e, consequentemente, estabeleceu a necessidade de as IES se reinventarem e adotarem modalidades (remota e a distância) e métodos híbridos sem a devida preparação institucional, inclusive preparação dos professores. Para não paralisar a Educação Superior, as IES precisaram agir de forma imediata. Elas não tiveram tempo para planejar nem capacitar os profissionais e, muito menos, ouvir os estudantes.

Essa realidade poderia ter sido atenuada se a Educação Superior brasileira tivesse promovido a ruptura paradigmática e assumido o modelo de Educação Superior inovador antes da Covid-19.

Para Carbonari Netto, Xavier Braga e Damas (2020), no artigo intitulado *A educação empreendedora como referencial para o século XXI*, muitos jovens e adultos abandonam as IES por conta das críticas de que o ensino ofertado é desatualizado, muito teórico, com poucas possibilidades de vivências reais e baixa inserção no mercado de trabalho e na sociedade.

Para esses autores, as IES precisam abandonar o ensino que privilegia a memorização de conteúdos, a passividade e a repetição, tendo o professor como protagonista. É urgente a mudança para a aprendizagem criativa e inovadora, que valoriza a integração teoria-prática com a incorporação tecnológica e que considera o aluno como protagonista e o professor como mediador nos processos formativos. A educação precisa provocar, contextualizar, trazer significados e fazer sentido.

Embora vários estudos defendam, há algum tempo, a urgência na transformação do modelo de educação, inclusive do brasileiro, a realidade ainda está muito distante da preconizada por educadores e organismos internacionais, apesar de a Covid-19 ter acelerado o processo que vinha sendo debatido pela comunidade acadêmica e científica, mas não incorporado às políticas públicas de educação.

Com base no exposto, podemos afirmar que, apesar de algumas iniciativas, a Educação Superior brasileira ainda é pautada no modelo conservador, independentemente da modalidade (presencial, remota ou a distância) e do método pedagógico adotados pelas IES.

Além dessa realidade, a revolução digital está muito incipiente, devido a muitos fatores. Dentre eles, citamos que grande parte do território brasileiro não dispõe de internet com banda larga, o que dificulta, sobremaneira, o acesso às mais modernas tecnologias, vídeos de alta resolução e baixa comunicação e até a imagens.

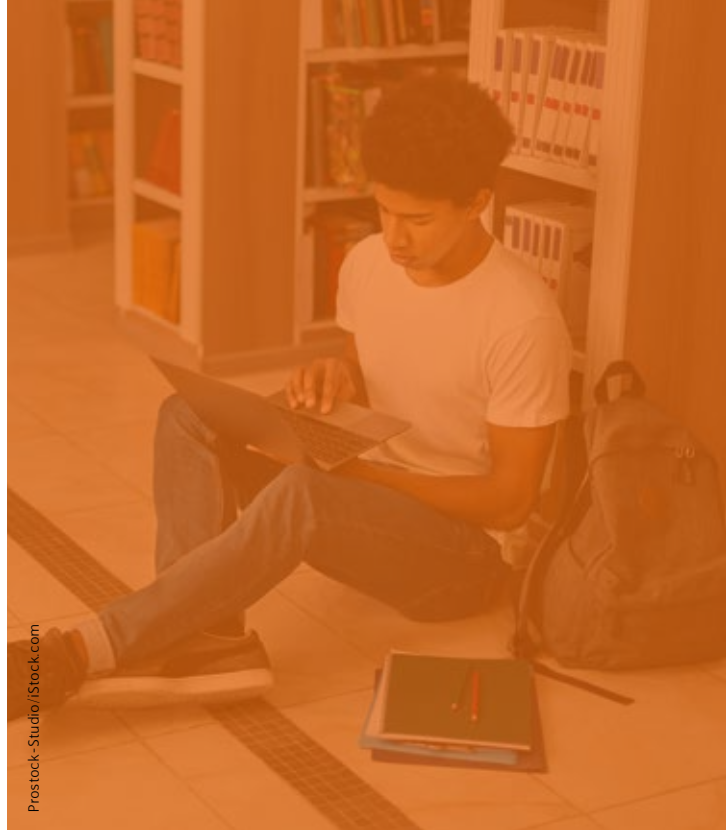
Outro ponto a ser observado é a flexibilidade curricular, que no Brasil encontra entraves devido a diferentes motivos, mas, em especial, ao desconhecimento e receios regulatórios por parte dos responsáveis pela elaboração dos currículos.

É fato que, atualmente, a legislação e a regulação do Ensino Superior no País permitem e estimulam a flexibilização. No entanto, os atores envolvidos desconhecem as possibilidades ou se veem compelidos por pressões corporativas contra as mudanças, ou, ainda, encontram dificuldades pautadas em questões econômicas e de custos.

Assim, ao contrário do que se observa, na maioria dos casos, é necessário repensar os currículos de forma que sejam mais atraentes ao estudante e ao futuro profissional, possibilitando formação generalista, humanista, pautada em competências disruptivas de várias naturezas, inclusive atitudinais.

Diante desse cenário, algumas vezes é mais oportuno para as instituições integralizar seus cursos com currículos rígidos pautados na lógica cartesiana do que desenvolver currículos por competências, que são mais efetivos, pois são flexíveis, desenvolvem conceitos, procedimentos, atitudes, pensamento crítico e criatividade, visando formar os estudantes empreendedores para a vida, para a cidadania, para aprender, desaprender e reaprender continuamente, com mediação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Defendemos que a tecnologia não deve ser o fim, ela deve ser o meio para tornar o processo educativo eficiente, eficaz e efetivo, sem perder o foco no que realmente importa: a aprendizagem.


Nesse sentido, acreditamos que caberá às IES, o mais rápido possível, implantar o modelo de Educação Superior que possibilite formar profissionais criativos e empreendedores, com competências



disruptivas para viver e atuar no Mundo VUCA, com suas características de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade (*Volatility, Uncertainty, Complexity and Ambiguity*), na era pós-digital e na quarta revolução industrial, que tem como marca a inteligência artificial. Essa formação deverá lidar com as demandas do século XXI, que já existiam antes da pandemia do novo coronavírus, devendo ser atrelada às competências que, segundo Harari, são baseadas em 4Cs: pensamento Crítico, Criatividade, Colaboração e Comunicação.

São muitos os desafios para a geração atual de educadores e formuladores de políticas públicas. Para vencer esses desafios, é imprescindível adotar o olhar inovador para a Educação Superior brasileira, a partir de mudanças significativas de postura, de quebra de preconceitos e de estabelecimento de redes de cooperação que envolvam todos os segmentos e garantam o debate de forma democrática. ■

Confira na próxima edição da Linha Direta a continuação deste artigo.



DA TEORIA À PRÁTICA, a educação tratada de forma integral

Receba todos os meses
uma publicação dupla face
com foco na gestão
educacional e
na sala de aula!

ASSINE

Linha Direta

na gestão educacional

PRESENÇA
pedagógica

na sala de aula

assinatura@linhadiretadigital.com.br

EM TEMPOS DE CRISE, ESTRATÉGIAS PARA PREVENIR E GERIR A INADIMPLÊNCIA EDUCACIONAL

A inadimplência não é novidade no ramo educacional. Pode comprometer a saúde financeira e até provocar fechamento de instituições. Por isso, sua gestão é tão imprescindível quanto o gerenciamento de outros setores – planejamento estratégico, financeiro, marketing, recursos humanos e proposta pedagógica.

Em uma sala de aula ocorre uma série de relações jurídicas distintas: o contrato educacional na órbita do Código Civil, a prestação de serviços nos termos do Código de Defesa do Consumidor, o atendimento a alunos menores com base no Estatuto da Criança e do Adolescente e as atividades escolares em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conhecimento sobre legislação e ferramentas de negociação eficazes podem diminuir a inadimplência, levando o consumidor a cumprir com os valores pelo serviço prestado.

A Lei da Mensalidade veta o desligamento do aluno inadimplente antes do término do ano letivo. Estabelece que a anuidade seja parcelada em até 12 vezes iguais, sem cobrança de taxa de matrícula, e proíbe cancelamento do fornecimento do ano letivo, uma vez iniciado. A escola, também, não pode suspender provas, reter documentos, aplicar penalidades pedagógicas, impedir a entrada no estabelecimento. Não pode entregar material nem praticar qualquer ato discriminatório ou vexatório.

A principal fonte de recursos das escolas é proveniente do pagamento das mensalidades. Assim, como a Lei n. 9.870/1999 veta reajuste ao longo do ano letivo, é imprescindível que se faça um planejamento anual em que sejam previstos a inadimplência da instituição e os gastos para geri-la, a fim de não causar efeito adverso. Ferramentas de gestão, como PDCA (sigla emprestada

do inglês, que faz referência a quatro fases para uma gestão: *Plan* – planejar, *Do* – fazer, *Check* – checar, *Act* – agir), podem auxiliar na melhoria contínua.

As escolas que oferecem serviços extras que ocorrem separadamente, em turno contrário, devem fazer contratos separados. Segundo a jurisprudência, podem ser suspensos por não ocorrerem no período regular.

A Política de Reforço Positivo objetiva motivar os contratantes a pagarem até o vencimento; visa olhar para a educação como prioridade, mesmo em momentos de dificuldades inesperadas. Os canais de comunicação servem para cobrança, mas, também, para agradecimento pelo pagamento e confirmação dele.

Algumas estratégias:

Separar alunos inadimplentes por categoria. Por exemplo, nunca atrasam; não têm problemas financeiros, mas precisam ser lembrados; atrasam esporadicamente; estão passando por dificuldades financeiras momentâneas; passaram a ter nova configuração familiar; acumulam mensalidades em aberto etc.

Recomenda-se que a instituição tenha um departamento de cobrança, ou terceirize o procedimento. Isso evita que se misturem aspectos pedagógicos e financeiros na relação com as famílias, que também precisam ser educadas a respeito de suas responsabilidades. Evite favorecer o inadimplente para não criar a cultura do “não tem problema atrasar, sempre dão um jeitinho”.

Ferramentas para cobrança: carta simples; carta com aviso de recebimento (AR); notificação extrajudicial; contato telefônico; mensagens de SMS, WhatsApp ou aplicativo; cadastramento do devedor em banco

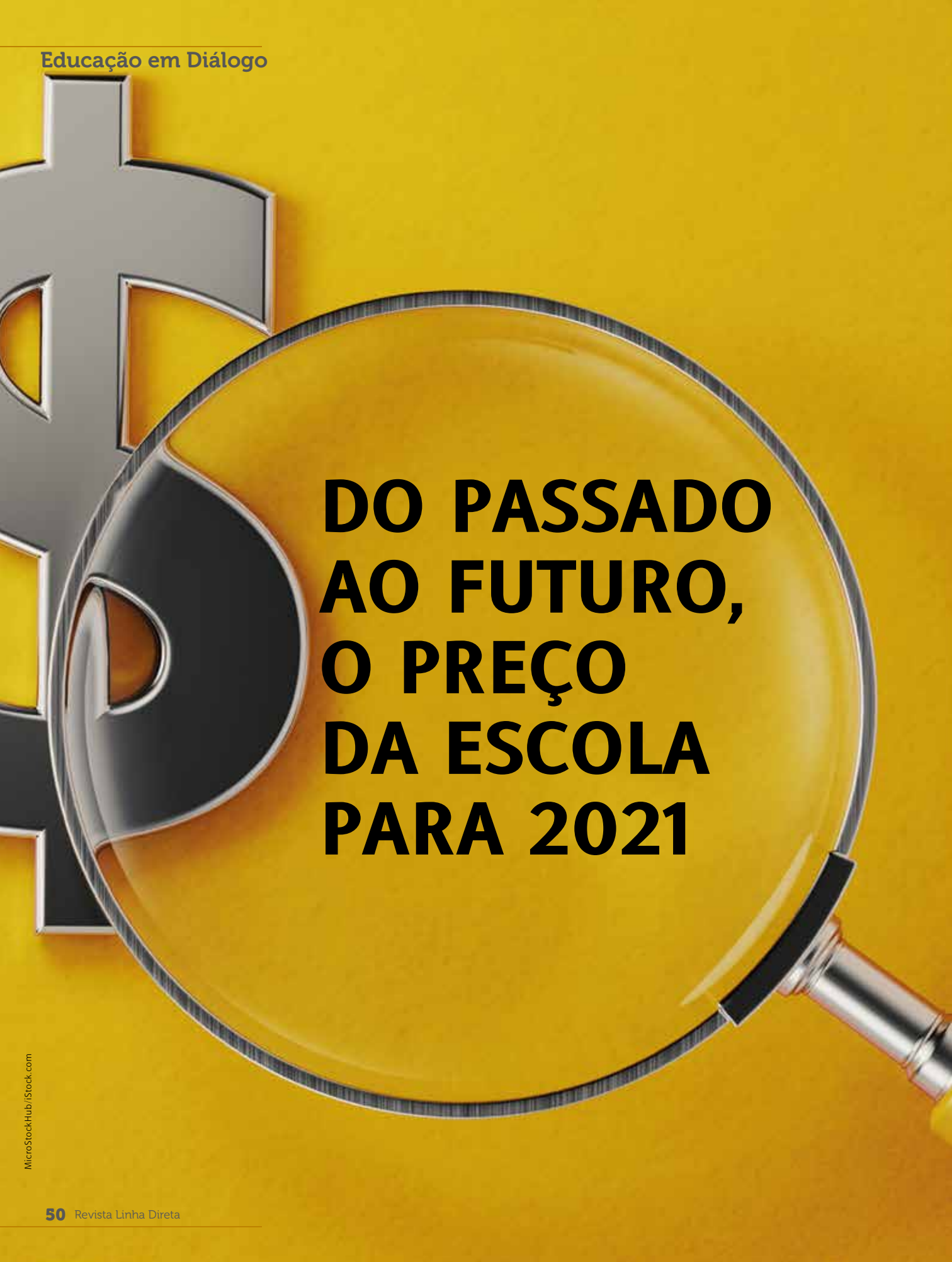
de dados de inadimplentes como Serasa e SPC; protesto de título; cobrança judicial – pode ser feita por execução de título extrajudicial, ação monitória ou ação comum, dependendo do contrato.

Há uma mudança de paradigma. Até 2017, o valor do contrato poderia ser cobrado apenas de quem o houvesse assinado. Na jurisprudência atual, independentemente de quem assinou o contrato, o valor pode ser cobrado de ambos os genitores, tendo em vista que a obrigação de educar e de prover sustento é de ambos.

É importante que a instituição crie um roteiro de cobrança geral ou específico para cada grupo, assegurando atendimento ao inadimplente de acordo com a legislação, com a política de atendimento da escola e com o contrato estabelecido entre as partes. É imprescindível registrar todos os contatos e os atendimentos. E lembre-se da Lei de Proteção de Dados, já vigente no Brasil.

O responsável pela cobrança precisa de treinamento técnico e relacional de negociação, para manter o foco na dívida e não nos problemas. Deve saber lidar com cálculos, simulações e encontrar a melhor solução – o famoso “ganha-ganha” trazido pelo autor e negociador Willian Ury.

O cenário educacional se modificou, e não há mais espaço para gestão que não seja profissional e estratégica. A concorrência, a ameaça de falência e a inadimplência exacerbada exigem profissionalismo e excelência no serviço prestado pelas escolas. Um plano de ação estratégico para geri-la é o primeiro passo para diminuir índices e modificar a cultura criada de que a educação não é prioridade. Tudo que se mede pode ser melhorado, potencializado, ou mesmo adaptado para gerar melhores resultados. ■

A large, stylized dollar sign (\$) is positioned on the left side of the page. A magnifying glass is held over the sign, with its lens centered on the text. The background is a solid, bright yellow. The magnifying glass has a silver handle and a black ring around the lens.

DO PASSADO AO FUTURO, O PREÇO DA ESCOLA PARA 2021

“O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes, que são estes instantes do presente que estamos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa”. Padre Antônio Vieira, *História do futuro*, 1718.

Lendo esse trecho escrito por Padre Antônio Vieira, me permito observar como devemos construir e consolidar um modelo escolar. O cenário existente é o da educação como direito público do cidadão e o das vantagens possibilitadas pelo ensino particular com ofertas de serviços diferenciados pelas escolas da livre-iniciativa educacional, permitindo a cada família fazer a escolha da melhor instituição para seus filhos.

O ano letivo de 2021 aponta para o novo cenário, com o uso de novas tecnologias que propiciarão a oferta de educação em qualquer lugar, em qualquer horário, mas ainda dependente do espaço físico escolar. Afinal, é dentro da escola que ocorrem a entrega, a troca de afetividades, o reconhecimento ao próximo e, acima de tudo, o convívio social. Contudo, é importante ponderar que o cumprimento de regras e horários, fundamentalmente, é aprendido na escola, bem como o aprendizado desenvolvido pelos professores, de acordo com os projetos pedagógicos.

A nova escola, a partir de 2021, será uma composição do que existe atualmente com uma introdução de algo novo, que todos estão aprendendo muito rapidamente. O que deveríamos colocar em prática em 2025 foi antecipado para 2020 e 2021. Serão investimentos em novas tecnologias,

aquisição de serviços dos sistemas de ensino e plataformas educacionais. Além disso, os professores devem passar por treinamentos, e a comunidade escolar receberá novos aprendizados.

O ano escolar de 2020 foi atípico e sofreu várias intervenções devido à pandemia decorrente da Covid-19. Aconteceu a interferência do Estado, dos órgãos de controle, do Ministério Público, da Justiça do Trabalho, das legislações estaduais inconstitucionais, ocasionando a desordem no setor educacional. A inadimplência cresceu por diversos motivos, aconteceram desistências e transferências, impactando fortemente os estabelecimentos de ensino. As famílias tiveram perdas salariais, e o orçamento familiar teve que ser revisto.

Nos horizontes definidos pelo Padre Antônio Vieira, que são os instantes do presente que estamos vivendo, em que o passado termina e o futuro começa, há a escola se adequando e sobrevivendo em 2020, pensando e construindo um projeto para 2021 em diante. Neste momento, a instituição está cuidando de suas planilhas, da formação de preços dos serviços educacionais que serão oferecidos no próximo ano letivo, com cuidado voltado ao orçamento das famílias e também ao investimento necessário com o advento das novas tecnologias. Não podemos esquecer a reforma tributária que se aproxima e é necessária para o País. Todos esses fatores precisam estar no tamanho certo. A escola não tem margem e não pode errar na sua precificação.

O tempo da construção das planilhas é agora, e as famílias precisam saber quanto custará o investimento que farão nesse serviço essencial aos estudantes, à comunidade e ao País. ■

Sinepe/ES realiza segunda edição do CONGRESSO EDUCACIONAL DIGITAL

Entidade reuniu quatro palestrantes para falar sobre as mudanças e tendências no setor educacional pós-pandemia

Após o sucesso da primeira edição, com a participação de mais 3 mil espectadores envolvidos com o segmento da educação, o Sinepe/ES acaba de realizar a segunda edição do seu Congresso Educacional Digital. O evento, ocorrido em outubro, teve como tema as *Mudanças e tendências no setor educacional pós-pandemia*.

Para enriquecer a tarde de conhecimento, a entidade reuniu um time de peso que incluiu o jornalista, radialista e âncora do Jornal da CBN, Milton Jung. Jung falou sobre como a educação pode atuar como agente transformador de uma sociedade e abriu a programação de *lives*.

Em seguida, o professor, doutor em Engenharia Elétrica e membro do Conselho Nacional de Educação, Eduardo Deschamps, falou sobre a educação em tempos de pandemia e trouxe algumas diretrizes para o chamado "novo normal".

A captação e retenção de alunos durante e pós-pandemia foi o tema da *live* do professor Cássio Mori, que é empreendedor, palestrante e tem mais de 25 anos de experiência em empresa na área de educação.

Finalizando a tarde de *lives*, a médica pediatra Ana Escobar abordou a volta às aulas presenciais com segurança e deu dicas de como agir. Além de médica, Ana é consultora do programa Bem-Estar, da TV Globo, membro editorial das revistas Clinics e Crescer e autora de diversos livros sobre saúde infantil.

O presidente da entidade, Moacir Lellis, reforçou que, após o sucesso da primeira edição, o Sinepe/ES realizou o II Congresso Educacional Digital para manter o segmento unido, atualizado e preparado para essa nova realidade. "Com a retomada das atividades presenciais em alguns estados e expectativa de retorno breve em outros, a entidade se reinventa e se adapta para orientar todos os profissionais envolvidos no setor", pontuou.

O II Congresso Educacional Digital é uma realização do Sinepe/ES, com patrocínio da Comprocard, Sae Digital, Sistema Etapa, Somos Educação, SouzaNet e União Vitória Seguros e LHP Tecnoclean. ■



O evento foi transmitido pelo canal do Sinepe/ES no YouTube e pode ser visto por quem não conseguiu acompanhar no dia. Para isso, basta acessar pelo QR Code

REABERTURA DAS ESCOLAS: COMPLEXA E DISPENDIOSA, MAS NECESSÁRIA

Hodiernamente, nenhum tema é tão candente quanto o retorno às aulas presenciais, que envolverá 48 milhões de estudantes da Educação Básica e mais 8,4 milhões do Ensino Superior. Como tudo o que se refere à Covid-19, há polarizações exacerbadas, estatísticas para todos os gostos e *fake news* que se espalham como ervas daninhas. E quando as versões contrariam a ciência, pior para a ciência.

O retorno de muitas áreas e atividades à quase normalidade está num ritmo frenético demais em todo o País – muitas vezes, à revelia das leis e das autoridades –, e a expressão “fique em casa” passou a ser substituída por “ninguém aguenta mais”. E aí mora o problema: esse esgarçamento desmesurado – tipo fadiga de quarentena – está levando parte da população à irresponsabilidade: desde os rolês e churrascos aos bares, *raves* e praias, sem os cuidados mínimos de distanciamento e uso de máscaras. Viralizou um meme de uma foto em uma de nossas praias coalhada de guarda-sóis, encimada por uma pergunta: e aqui não há alunos, nem professores?

Tais aglomerações – fontes incontestes de contágio – devem ser repudiadas para a tão almejada redução das curvas de contágio e de mortes, bem como para o retorno pleno dos serviços, comércio e indústria (para, aí sim, alavancar o emprego, a economia e até o orçamento público) e, tão necessário quanto, para a reabertura das escolas ao ensino presencial. Todo o problema



que se queira resolver deve ser enfrentado, e estamos apenas tangenciando, postergando, feito um tear de Penélope, em relação ao tema reinício das aulas presenciais. É uma ilusão esperar pelas condições ideais, uma vez que esse vírus capiroto já sinalizou que não vai dar essa canja tão cedo.

E sempre oportunas são as palavras de Roberto Campos: “o debate honesto pressupõe conhecimento da causa”. Há excessivas tergiversações nas redes sociais e, em parte da mídia, uma imbricação de temas e argumentos fúteis. Até mesmo decisões judiciais extremadas, como no Rio de Janeiro/RJ, onde se concedeu liminar ao sindicato dos professores para proibir o retorno às aulas até que todos os alunos e docentes fossem vacinados. O bom senso prevaleceu com a suspensão dessa liminar, depois de vários dias de embates nos tribunais. Os professores devem fazer parte da solução e não do problema – é o que pensa a maioria de nós –, numa atitude de cidadania e comprometimento com a boa educação.

“Estamos condenando esta geração de crianças e jovens. Os riscos são pouquíssimos” –, defende com ardor a psicóloga Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna. Em setembro, OMS, Unicef e Unesco fizeram, no mesmo sentido, um apelo aos governos para que coloquem a abertura de escolas como prioridade. Segundo as entidades, ainda não existem evidências suficientes para declarar

que foi a reabertura de escolas que eventualmente agravou a transmissão da Covid-19 nas comunidades que a realizaram, quando as medidas de proteção e de saúde foram devidamente adotadas.

Há dois meses, as escolas privadas de Manaus/AM retornaram às suas atividades presenciais e nenhum caso de infecção pelo coronavírus foi registrado. Com bom planejamento, seguiram os seis eixos principais – sobejamente conhecidos e exequíveis –, com base nos padrões internacionais. O reinício deu-se gradual e não obrigatoriamente, com turmas de quatro alunos e hoje com cerca de 15. É justificável o receio, pois os pais foram estimulados, desde o início da pandemia, pelas necessárias e intensas campanhas pelo isolamento por parte da mídia e dos governos. Aos poucos, parte do medo acaba se dissipando quando a família visita a escola e presencia um ambiente com uma rotina que segue todas as normas recomendadas. E regras de ouro existem para bons resultados na reabertura: retorno gradual, respeito ao livre-arbítrio dos responsáveis pelos alunos e rigor na implementação dos protocolos de higiene e biossegurança.

Todavia, no Brasil, nove estados ainda estão sem prazo algum para o reinício das aulas. Nos demais, a retomada é escalonada e cuidadosa – o que se faz mister. Em vários países da Europa, as escolas foram liberadas antes do comércio: naqueles pertencentes



à OCDE, as instituições de ensino permaneceram fechadas por 98 dias em média, com destaque para a França, 56 dias, e a Alemanha, 68. No Brasil, já vivemos mais que o dobro disso, tendo já sido ultrapassada a marca dos 200 dias. Estamos num dos lugares mais altos do pódio, juntamente com o Paraguai. O Uruguai estabeleceu protocolos de volta às aulas assim que a curva de infectados começou a apresentar redução. Manter as escolas fechadas por tanto tempo tem elevados impactos negativos, entre eles o aumento significativo das evasões e o comprometimento das condições socioemocionais dos discentes.

Por outro lado, neste momento, uma abertura ampla seria uma insanidade, pois a média móvel é ainda alta, mesmo que em recente tendência de desaceleração. Os estados que já retornaram ou agendaram o reinício levaram em conta as condições imunológicas e o baixo índice de transmissibilidade nas regiões liberadas, sendo priorizadas as escolas mais bem estruturadas para atendimento às condições de biossegurança. E se houver unidades escolares com eventuais casos de contágio? Seguem-se os protocolos dos agentes de saúde e os isolamentos pontuais e cirúrgicos. Afinal, não foi assim que agiram alguns países, como França e Israel, ou mesmo escolas públicas do Amazonas?

Se é importante que sejam estabelecidos prazos para a abertura, mais que necessário

é definir-se o “como abrir”, tema que deveria ser debatido. Essa tarefa exigirá semanas de um bom planejamento organizacional e financeiro, bem como complexa e dispendiosa reconfiguração do espaço físico e implementação das normas sanitárias e de biossegurança. Tudo será diferente, se comparado com o retorno após as tradicionais férias de verão, sempre festivo, com abraços efusivos e aquela algaravia que soa como música aos ouvidos dos educadores.

Agora estamos vivenciando um período excepcional de afastamento de seis meses, do qual advêm não só alunos, mas também professores e funcionários que passaram ou ainda estão passando por experiências negativas, até mesmo traumáticas, como insegurança, descontrole emocional, perda de renda, óbitos de familiares ou conhecidos. A ênfase das primeiras semanas é o acolhimento, o vínculo afetivo, a correção de disparidades de aprendizagem, a equalização dos conteúdos de cada componente curricular. O discente vai encontrar outra escola, antes, durante ou após as aulas. Não menos fácil será estabelecer a divisão entre os conteúdos que serão presenciais ou remotos, uma vez que não será viável um retorno pleno no curto e médio prazo. Mais do que nunca, escola e família devem ser parceiras; mais do que nunca, a direção deve manter uma boa comunicação e transparência diante da comunidade escolar, pois haverá revezes, imprevistos ocorrerão. ■

RECONHECIMENTO DO PAPEL DOCENTE



Em celebração ao Dia do Professor, Unesco chama a atenção para a importância dos educadores e os desafios enfrentados no cumprimento das metas globais de educação

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, afirmou Nelson Mandela, vencedor do *Prêmio Nobel da Paz* de 1993 e símbolo da luta contra a *apartheid*. De fato, a educação pode mudar a vida de uma pessoa, transformar uma comunidade e um país. À frente do papel de auxiliar crianças, jovens, adultos e idosos no processo de aprendizagem estão os professores, homens e mulheres que se dedicam diariamente para levar o ensino e contribuir com o desenvolvimento de todos. A importância desses profissionais ficou ainda mais em evidência durante este ano, com a grave crise sanitária que atingiu o Brasil e o mundo. Suas lutas e dificuldades também.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mais de 90% do total da população estudantil matriculada no mundo foi, e continua sendo, afetada pela pandemia da Covid-19. Com a necessidade de isolamento social, escolas de todo o mundo precisaram fechar; a rotina de trabalho dos docentes, então, sofreu uma reviravolta e, sem aviso prévio ou tempo de preparação, eles tiveram que se reinventar e criar estratégias para continuar garantindo o direito de aprendizagem a alunas e alunos, mesmo longe do espaço físico das escolas.

Os desafios são muitos, variam de acordo com a realidade na qual docentes e alunos estão inseridos. Em alguns contextos, o desafio é promover um ensino remoto (que difere de educação a distância) com qualidade e capaz de despertar o interesse do estudante. Já em outros, em que muitas famílias não tinham computador ou acesso à internet, foi preciso enviar o material para a casa do aluno, continuar os ensinamentos por rádio ou televisão; muitos educadores, tomando os devidos cuidados, foram até os alunos para continuar a educá-los, para levar a merenda escolar tão necessária e para prestar apoio a populações vulneráveis. Currículos, planos de aula, métodos de trabalho, tudo precisou ser adaptado. A Unesco ainda ressalta que a Covid-19 aumentou significativamente a carga de trabalho dos docentes. “Os professores trabalharam individual e coletivamente para encontrar soluções e criar novos ambientes de aprendizagem para seus alunos para garantir que o aprendizado nunca parasse”, afirma a Organização.

Mas, se a pandemia propôs ainda mais desafios aos sistemas de educação, ela também trouxe aprendizados e acelerou o processo de uma escola mais contextualizada com as necessidades e anseios do novo século. Como também destaca a Unesco, a crise sanitária criou um contexto sem precedentes que trouxe para o professor liderança, criatividade e inovação. Cientes de todo esse cenário, a Força-Tarefa Internacional para Professores da Educação 2030 lançou uma *Chamada para Ação sobre os Professores* – uma iniciativa em resposta ao surto da Covid-19 que defende, entre outras coisas, a participação dos professores no planejamento e formulação de políticas de curto, médio e longo prazo.

MOMENTO DE CELEBRAR O PAPEL DO PROFESSOR

“A liderança e engenhosidade que os professores demonstraram durante a crise da Covid-19 não são nenhuma surpresa. Eles mostraram isso nesta e em outras situações”, diz a Unesco. Por isso, como tem feito anualmente desde 1994, a Unesco celebrou, no dia 5 de outubro, o Dia Mundial do Professor. A data marca também o aniversário da assi-

natura da Recomendação da OIT/Unesco de 1966 sobre o Estatuto dos Professores.

O tema escolhido para celebrar o Dia Mundial do Professor este ano foi *Professores: lidar com a crise e reimaginar o futuro*. “O dia fornece a ocasião para celebrar a profissão docente em todo o mundo, para fazer um balanço das realizações e chamar a atenção para as vozes dos professores, que estão no centro dos esforços para atingir a meta de educação universal de não deixar ninguém para trás”, afirma a Unesco.

Em 2020, devido à crise sanitária, as comemorações da Unesco foram realizadas de forma online, tais como a cerimônia de abertura do Dia Mundial do Professor, a cerimônia do *Prêmio Unesco-Hamdan*, ambas em 5 de outubro, e a cerimônia de encerramento, em 12 de outubro.

No Brasil, como parte das comemorações pelo Dia Mundial do Professor e pelo Dia Nacional do Professor, celebrado no País em 15 de outubro, a Unesco promoveu a campanha Dia dos Professores 2020, na qual docentes e alunos foram convidados a compartilhar, por meio de vídeos, mensagens de apoio e boas práticas de ensino realizadas durante a pandemia. As três melhores mensagens das categorias Estudante e Professor receberam como prêmio um *kit* de publicações da Unesco e um certificado assinado pela diretora e representante da Organização, Marlova Jovchelovitch Noletto.

O resultado da campanha foi divulgado no dia 15 de outubro nas redes sociais da Unesco no Brasil. Em um dos vídeos selecionados na campanha, a professora Karoline Seroni reflete sobre as transformações que ocorreram durante a pandemia: “Foram tantas mudanças. Da sala de aula para a plataforma, da lousa para a tela. Do trânsito congestionado para o sinal instável de internet. A cada dia um novo desafio para continuar perto, mesmo que virtualmente, dos meus alunos. Ensinando e mostrando que estamos juntos, mesmo sem estar perto. Buscando sempre um mundo melhor, além do novo normal, com o coração cheio de gratidão e paixão por ensinar”. ■